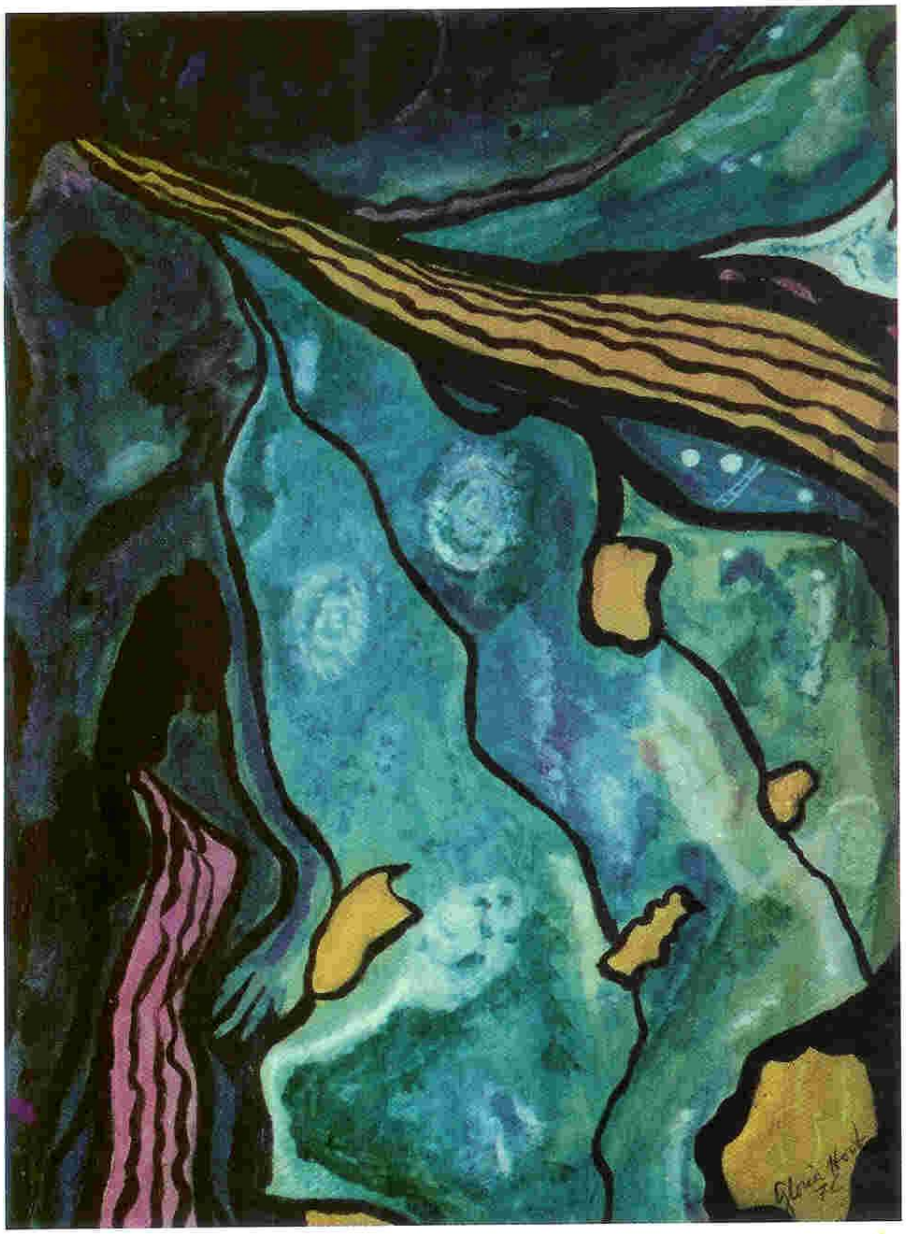
Maria Braga Horta

Caminho de Estrelas



Maria Braga Horta começou a fazer versos em 1925, aos 12 anos de idade. Três anos depois compunha os primeiros sonetos, apaixonando-se por essa forma-fixa. Em 1930, o jornal *O Manhumirim* divulga algumas de suas composições. Nos dois anos seguintes publica intensamente, em jornais e revistas do Espírito Santo, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, da Paraíba... Tinha já uma década o movimento modernista; mas ainda predominavam, em boa parte do País, o tom parnasiano (desse *parnasianismo brasileiro,* bem temperado de subjetivismo romântico) e o simbolista. A Poetisa (que não gostava dessa palavra...) não ficou infensa, nem indiferente, aos ventos de renovação, como o demonstram alguns versos do início da década de 30; mas não abandonou a dicção aprendida em seus primórdios, e manteve sempre fidelidade ao soneto, que foi, sem dúvida, a sua forma de eleição.

As atribulações de dona-de-casa, professora, mãe de cinco filhos, a acompanhar o marido na longa peregrinação por uma dezena de cidades de Minas e de Goiás, a que se somariam o Rio e Brasília, tolheram-lhe parcialmente o estro e as condições para o diálogo intelectual; somente em Brasília, onde a família, reunida, afinal deitou raízes, pôde permitir-se mais amplo relacionamento com o mundo literário. Na cidade mineira de Lajinha – até então, a mais longa pausa (sete anos!) entre suas mudanças – reintensificou a produção poética; é desse período o soneto "Legado", com o qual homenageou Drummond, que o incluiria em *Uma Pedra no Meio do Caminho.* Já no Rio, passou a interessar-se por concursos literários, conquistando prêmios de poesia e de prosa. Escreveu até 1978 (faleceria em 1980), entremeando fases de fecundo poetar com longos intervalos de silêncio.

Tirante os muitos que devem ter-se perdido, em suas andanças por esses Brasis, e uns poucos que deixou inconclusos, este volume – prestigiado e enriquecido pelas ilustrações de **Ivanir Geraldo** Vianna – enfeixa todos os seus poemas.

Caminho de Estrelas é o testemunho poético de uma mulher enérgica e serena, lúcida e sensível. Um testemunho de luta, de fé, de vida, e de amor.

A.B.H.

(C) *by* Anderson Braga Horta

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,
desde que citados autor e fonte.

Massao Ohno Editor
Rua da Consolação, 3676
Cep 01416-000
São Paulo, SP

Composição: Magda Azevedo
Revisão: José Jeronymo Rivera
Fotolito: Ajato
Impressão: Prol

Capa: Aquarela de Glória Braga Horta
Foto de Gabriel Gondim Filho
Ilustrações: Ivanir Geraldo Vianna

1996

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Caminho de Estrelas

Horta, Maria Braga, 1913-1980.

Caminho de estrelas / Maria Braga Horta; ilustrações de Ivanir Geraldo Vianna; organização e apresentação de Anderson Braga Horta. – São Paulo: Massao Ohno Ed., 1996.

254p.: il.

1. Poesia, Brasil. 2. Literatura, Brasil. 1. Horta, Anderson Braga. lI. Título.

CDU 869.0 (081)

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e Classificação da Coordenação de Biblioteca da Câmara dos Deputados

Maria Braga Horta

Caminho de Estrelas

— Poesia Reunida —

Massao Ohno Editor

ÍNDICE

Legado Poético — Anderson Braga Horta, 13

Autobiobibliografia, 27

CAMINHO DE ESTRELAS

1

Caminho de Estrelas, 35

ANTIFLOR

Antiflor, 39
Sísifo, 41
Retorno dos Retirantes, 43
Transcendência, 44
Lírica Vegetal, 45
Conformismo dos Bois, 46
Soneto Antifilosófico,47
Os Domingos, 48

CAMINHO PERDIDO

Destino, 51
Espera, 53
Incerteza, 54
A História Consoladora, 55
Exortação, 57
In Aeternum, 58
Glória, 59
Jornada Inglória, 61
De Nihilo Nihil, 62
Elogio da Alma, 63
A Volúpia dos Olhos, 64
O Infinito do Sonho, 65
Súplica, 66
O Bom Ladrão, 67
Orgulho, 68
Mais que as Estrelas no Céu, 69
Tua Boca, 70
Ashaverus, 71
Tuas Mãos, 73
Zelos, 74

Crepúsculo, 75
Tântalo, 76
Obrigada, Amor!, 77
Marasmo, 78
Sempreamor, 79
Diversidade, 80
Eternidade, 81
Sem Palavras, 82
O Poeta, 83
Fênix, 84
Ciúme, 85
Importância de Amar, 86
Alternativa, 87
Segredo, 88
Lirismo, 89
Fábula, 90
Sem Motivo, 91
Espera – II: 1931-1956, 92
Abstração, 93
Se..., 94
Refúgio no Tempo Perdido, 95
Conselho, 97
Velho Tema, em Velho Estilo, 98
Equilíbrio, 99
Espera – III, 100
Anjo, Serpente, Nave, 101
Soneto do Judeu Errante, 102
Confissão, 103

CANTOS E ELEGIAS

Asas para o Infinito, 107
Transcendentalismo, 108
Teu Olhar, 109
Penas, 112
Apólogo Chinês, 114
Natal do Papai Noel, 117
De Mãos Dadas, 118
Mistério, 119
Dualismo, 120
Últimas Palavras, 121
Despedida, 122
Aos Pássaros..., 123
Tempo de Poesia, 124
Momento, 126
A Moça da Praça Mauá, 127
O Trem de Ferro, 131

Infância, 132
Noite, 135
Meu Verso É Triste..., 13
Apenas..., 137
Tema e Variação, 138
Limitação, 139

CELEBRAÇÕES

Bodas de Prata, 143
Mãe, 144
Retrato, 145
Manhumirim, 146
São Francisco de Assis, 149
As Amazonas, 151
I – *Da Cítia ao Termodon, na Temiscira,* 151
II – *Só criavam mulheres.De crianças,* 153
Retorno, 154
Goiás, 155
Professorinha, 161
Ex Corde, 163
O *Prelúdio da Gota d'Água,* 164
Outono, 165
Perfeição, 166
Ausência, 167
Desencanto, 168
Remorso, 169
Legado, 170
Duas Voltas em Torno de um Tema de Bocage, 171
Ai de Mim, Senhor, 171
Escuta, Amada, a Prece, 175
Louvação para Florbela, 177
I – *Dedicatória,* 177
II – *Destino,* 178
III – *Outra Flor,* 189
IV – *Florbela,* 180
V – *Teu Livro,* 181
VI – *Visão,* 182
VII – *De Joelhos,* 183
Canção de Outono, 184
O Sono do Soldado, 185
O Garimpeiro, 186
I – *Garimpeiro do Reino,* 186
II – *Garimpeiro da Inconfidência,* 187
III – *Garimpeiro da Abolição,* 188
IV – *Garimpeiro até Hoje,* 190
V – *Garimpeiro, Amanhã,* 192

Brasília, 193
Oi, Minas Gerais, 195

POEMAS INFANTIS

Deslumbramento, 199
Liberdade, 200
Incógnita, 202
Espanto, 203

NOSSA HISTÓRIA DE .AMOR

Para Você, Anderson, o Meu Presente de Ano-Bom, 205
Um Ponto... de Interrogação, 207
Nós, 208
Saudade, 209
Fatalidade, 210
Longe de Ti, 211
In Extremis, 212
Sonhando, 213
Meu Filho, 215
Vesperal, 216
Resposta a uma Carta em Verso, 217
Variações sobre a Vida, 218
Carta, 219
Reflexos, 221
Presença do Passado, 222
O Cravo Vermelho, 223
Romance, 224.....
Glorinha, 225
Cama Redonda, 226
Que Vôos..., 234
Nossa História de Amor, 235
I – *Faz apenas seis meses... É uma história...,* 235
II – *"Era uma vez... " (É o prólogo da história),* 236
III – "*... e ainda estão passando os carneirinhos...,* 237
IV – *A história continua.* O *tempo passa,* 238
V – O *tempo passa. E passam sol e lua,* 239

APÊNDICE

Entrevista a Danilo Gomes, 241

Foto da Autora

Legado Poético

Anderson Braga Horta

Maria Braga começou menina ainda a fazer versos. Datam. dos seus doze anos as primeiras tentativas de poema, e dos quinze os primeiros sonetos. Entre os dezessete e os dezenove saboreou a dúplice alegria de ver publicadas e elogiadas essas primícias.

Pouco antes de completar vinte anos, indo, a passeio, de Manhumirim, onde morava, à vizinha Carangola, conheceu o acadêmico de Direito Anderson de Araújo Horta, sete anos mais velho... e também poeta. Iniciou-se logo o namoro e, com ele, naturalmente, um diálogo poético. A primeira palavra ficou, ao que parece, com o namorado, que não deixou por menos: três retumbantes sonetos de parabéns pelo 17 de fevereiro de 1933, um deles acróstico (formando a frase "Meu sincero amor"). As falas femininas desse diálogo estão longamente documentadas no presente volume, a partir de "Um Ponto... de Interrogação", datado de 22 de março do mesmo ano. O poema, um questionamento aparentemente prematuro de um amor apenas alvorecido, mereceu do apaixonado interlocutor esta patética resposta, cujo título é urn ponto de interrogação:

“O fim... como será?" – disse Você
Naquela estrofe de quatorze versos...
E essa incerteza... e esse terrível quê
Me traz a alma e o coração dispersos!

E aquele ponto curvo? e aquele “se"...
Num mar atroz de dúvidas imersos?
Você não crê no nosso amor? Não crê?
Acha que temos corações diversos?

Vócê chamou - "Fatal impressionismo”,
A soluçar num verdadeiro abismo,
O despontar do nosso grande Amor...

Vócê, porém, nunca sentiu decerto
O grande mal que produziu — aberto
E escancarado para a minha Dor!”

De então por diante o diálogo intensificou-se – atestam-no as datas dos poemas de Maria, e a notícia do casamento, em fevereiro do ano seguinte.

De tão promissor consórcio esperar-se-ia uma torrente de poemas... Mas a vida não seria fácil para o jovem casal. O problema de manter uma família que frutificou ao fim desse primeiro ano e passou a acrescer-se, regularmente, de biênio em biênio levou a dupla de poetas a uma verdadeira peregrinação por uma dúzia de cidades – de Minas, de Goiás, novamente de Minas, antes da fixação no Rio de Janeiro e, afinal, em Brasília. E a poesia foi escasseando. No caso de Mamãe, houve quinze anos de absoluto mutismo, entre 1931 e 1971, que são os extremos de sua produção documentada, se não contarmos os três ou quatro poemas infantis datados de 1978. Os primeiros anos de silêncio foram exatamente os dois primeiros de casada. Houve uma retomada tímida em 1936 e 1937, seguindo-se uma produção irregular. Em 1947, 1948, 1950 e 1951, nada. Em 1952, um único poema: o soneto-resposta a uma carta em versos do filho mais velho, que nos dois últimos anos vinha pondo as manguinhas de fora, na trilha poética dos pais. Transcrevo a gaiata carta – um pedido de dinheiro endereçado ao "velho" – porque ela explica o soneto de minha Mãe:

Carta Expressa

Anderson Braga Horta

Papai: Estou nos píncaros da "pinda"
(ou nos báratros?)! Trágico me agarro
em minha rua, cujo horrível barro
não produziu nenhum Adão ainda.

Estou "quebrado”:.. e o meu sofrer não finda.
Já nem posso comprar o meu cigarro!
Só me resta a riqueza do catarro
em duras moles, em jazida infinda.

De meu acre viver boiando à tona,
diz meu bolso, no alento derradeiro:
"Estou nos últimos degraus da 'lona'!”

E ao ver-me assim, devendo os próprios ossos,
certo compreenderás que o financeiro
mal não se cura só com padre-nossos.

Leopoldina, 7-11-1952

A produção continua nula ou mínima nos anos seguintes, até novo pique em 1956, sem comparação o seu ano de maior produtividade. Então – a família já completa – o primogênito atinge a maioridade, a menina é uma linda adolescente, os dois intermediários, a exemplo do mais velho, estudam fora, e o caçula perfaz os treze.

É um período de vacas gordas (em Lajinha, Minas Gerais), e o chefe da tribo tem podido também fazer as suas pausas poéticas... Data desse ano de 1956 (14 de novembro, véspera da mudança para o Rio) o seguinte soneto seu, ilustrativo do clima familiar:

Em Busca da Panela de Ouro

Anderson de Araújo Horta

– Meu amigo, onde vais com tanta pressa,
correndo, trabalhando como um mouro? –
O *que é que você tem com isso? Homessa!*
Eu vou em busca da panela de ouro...

– Eu peço-te perdão. Não interessa
tanto esforço à procura de um tesouro.
Na tua idade a vida mal começa...
Tu não passas, menino, de um calouro!

E agora, transcorridos tantos anos,
inda estamos correndo, – eu e ela, –
tendo nas mãos um turbilhão de planos!

Mas eu tenho pensado, minha bela,
que nós sete, – uma turma de ciganos, –
sempre vivemos dentro da panela!

No Rio, onde se demoraram por oito anos, e depois em Brasília a vida lhes foi mais calma. Passou então a Poetisa (que detestava essa designação!) a praticar também o conto e a crônica, e a se interessar por concursos literários, tendo sido bem-sucedida em alguns, tanto em prosa quanto em verso. Começou, ainda, a redigir um romance, que se chamaria *As Montanhas Azuis* (no decorrer de sua composição, Geraldo França de Lima estrearia com um título quase coincidente – *Serras Azuis).* Lembro-me bem do manuscrito, claro e limpo, com sua letra bonita, regular, em papel almaço pautado – não sei que fim levou.

Desde que me iniciei, para valer, nos mistérios poéticos, nos idos de 1950, reacendeu-se-me o interesse pelos poemas de meus Pais, que procurei preservar, copiando-lhes antigos cadernos. Perdas há de ter havido, ao longo de tantos anos: mas acredito que se limitem aos anos anteriores.

Neste volume reúno praticamente toda a poesia de minha Mãe que pude ter em mão. Apenas deixo de incluir, além dos rascunhos inconclusos (que se multiplicam nos últimos anos), dos fragmentos, anotações esparsas e variantes, os seguintes títulos: "O Nosso Amor", "Gritos da Minha Angústià', "O Meu Sol", "Eu...", "Máscaras", "A.Á.rvore e a Bandeirà', "Figuras do C.C.L.", "Carangola", "Mamãezinha", "O Preço do Sonho", "Jacó", "Simplismo", "Tempo", "Azul de Goiás", uma "Louvação" para a escritora Maria Bernardo e outra para a pintora Goiandira. Julgo, quanto a uns, faltar-lhes o acabamento característico da Autora; quanto a outros, não transcenderem a circunstância que os motivou.

Disse que omito as variantes. Mas algumas considero interessante reproduzir aqui, fora do *corpus* poemático, como curiosidades do fazer poético de Maria Braga Horta. Estão entre elas as adaptações dos sonetos *"In Extremis":* "Obrigada, Amor!" e "Inexistência" (este correspondendo a "Anjo, Serpente, Nave", cujo título primitivo era "Súplica") a chaves de ouro de Guilherme de Almeida. (Duas outras chaves encerram os sonetos "Desencanto" e "Remorso", para elas escritos originalmente, e incluídos por mim entre as "Celebrações" – rubrica sob a qual abriguei também as traduções e paráfrases; as seis chaves restantes foram objeto de outras tantas composições, que não chegaram a termo.) Eis os sonetos adaptados:

In Extremis

(Chave de Guilherme de Almeida)

Quero morrer assim, como quem adormece,
sem que um ríctus de dor me transforme a expressão,
sentindo que o calor do teu corpo me aquece
e o meu pulso se agita ao calor de tua mão.

E saber que, morrendo, ouvirei como prece
as palavras de amor que teus lábios dirão,
e enquanto o coração docemente emudece
sentir, dentro de mim, vibrar teu coração.

Morrer como se fosse, afinal, atingir
na apoteose do amor o supremo desejo
e em êxtase transpor as regiões encantadas,

feliz por ter vivido e feliz por sentir
que no ardor com que colho o teu último beijo
cai o pano final das pálpebras fechadas.

Obrigada, Amor!

(Chave de Guilherme de Almeida)

Obrigada por tudo, amor! Por teu amor,
pelo céu, pelo mar, pela terra! Obrigada
por me fizeres rir e chorar, pela dor
de te esperar, em vão, noite inteira acordada.

E por vires, depois, com um sorriso e uma flor,
me afirmar que, de longe, eu fui sempre lembrada;
pela breve carícia, entre anseio e temor,
pelo beijo roubado e por tudo, obrigada!

Pelo sonho, o ciúme, a saudade, a ilusão,
a inquietude, o desejo, a incontida emoção
no sublime prazer de amar e ser amada.

E obrigada porque, com teus beijos, puseste
como um sopro de vida entre humana e celeste
tua essência que é tudo em meu todo que é nada.

Inexistência

(Chave de Guilherme de Almeida)

Em que outros sonhos teu amor se esconde
do meu sonho? E onde fica o incerto cais
da nave que o conduz? Ninguém responde
e os deuses já não falam aos mortais... .

Talvez em mim, talvez em ti, mas onde
e quando achar recíprocos sinais?
Entre nós dois talvez a nave ronde
e teu amor lá não se encontre mais

pois em teus olhos, se meus olhos ponho,
vejo meu sonho se perder no sonho
que jamais foi sonhado para mim

e esse amor que em teus olhos não nasceu,
que eu sonhava ser nosso e foi só meu,
sem nunca ter começo teve fim.

Tanscrevo também os versos que, sob o título "Legado" e com a data "Rio, 4-2-62", constituíram a primeira versão de "Despedida" :

Legado

Levarei, quando for, tudo o que tenho
só meu,

tão pouco, ou nada,
(o nome?)
que chegarei despida e invisível
diante de meu espelho
inscrito
no além.
Do que era teu, em mim,
separados os lados,

sepultarás o morto.
O *vivo ficará perdido*
nos teus olhos
procurando o infinito.

Uma alternativa para o terceto final de "Crepúsculo":

Eu voltarei sozinha e irás sozinho
que as nossas vidas já não têm caminho
para andarmos a sós de braços dados.

Para o de "Perfeição", esta, mais lógica:

Não quero nada que me pese ou sobre!
Nenhum sultão é mais feliz do que eu...
Nenhum mendigo pode ser mais pobre...

Finalmente, esta outra versão da *"Chanson d'Automne",* de Verlaine:

Tristes lamentos
Longos do vento
Outonal
Ferem-me a alma
Com uma calma
Sempre igual.

Pálido e trêmulo
Ao soar o pêndulo
Nesta hora
Sinto saudade
Da mocidade.
A alma chora.

Sigo ao relento
E o rude vento
Me transporta.
Neste vaivém
Eu sou também
Folha morta.

O enfeixamento dos poemas em *livros* é de minha responsabilidade. Os títulos, à exceção de "Cantos e Elegias" e "Celebrações", foram deixados por minha Mãe, mas a sua atribuição final – menos quanto a 'Antiflor" – foi feita por mim. Meu também é o título "Autobiobibliografiàa", bem como a complementação dos dados respectivos, devidamente indicada.

A poesia de Maria Braga Horta é simples, direta e despretensiosa – no sentido de que não busca experimentações formais nem elege assuntos "de alto horizonte". É ela mesma quem o diz, não sem uma ponta de exagero, ou modéstia, no soneto "Lirismo". Mas a sua linguagem é elevada, ainda no coloquial e nos temas domésticos, e equilibrada e harmoniosa a sua arte poética – uma arte a serviço do dizer poético, nunca um instrumento de exibição virtuosística.

Não vou tentar, nem creio que me coubesse, a análise minuciosa e judicativa dessa poética; aponto, contudo, em sua dicção a prátlca freqüente, se bem que não sistemática, da anaptixe, como nos versos 6, 8 e 11 de “Sísifo” (exemplo, ao revés, de não-desfazimento do grupo consonantal é o 4º verso de “retorno dos Retirantes"); e a ocorrência do hiato, qual em "Os Domingos", verso 5º, a conviver sem preconceito com a sinalefa (v. o 4º verso de "Incerteza”). A pontuação é precisa, sem ser obsessivamente sintática; e o uso do hífen apresenta particularidades, que respeitei. Nos versos 20-24 de "Para Você, Anderson, o Meu Presente de Ano-Bom", um caso singular de concordância distributiva. Seus decassílabos são, invariavelmente, acentuados como heróicos ou como sáficos; e seu alexandrino obedece à lei da cesura medial, com a só exceção do verso 10 de "Diversidade". A linguagem antiga é discreta e funcionalmente utilizada em "Conselho" e, especialmente, "Velho Tema, em Velho Estilo"; mas o veículo normal de seus poemas é a língua culta atual, sem exageros ou preciosismos. A temática divide-se entre a vida e a morte, o tempo e a glória (sinônimo de ascensão espiritual, em sentido lato), motes literários e histórico-sociais; mas é quase onipresente o amor, em suas várias manifestações – amor de noiva, de esposa, de filha e de mãe, de membro da família humana e de átomo pensante do Universo.

Fora estas breves notas, em rigor dispensáveis, nada me permitirei antecipar à perspicácia do leitor; peço permissão, apenas, para expressar que me animou a editar esta poesia, além do sentimento filial, o reconhecer-lhe um sentido profundamente humano, em harmoniosas núpcias com sua literariedade.

Do ser humano que foi minha Mãe recordo: a postura discreta, a voz e o olhar serenos, o gesto fidalgo, os gostos aristocráticos (não obstante, a simplicidade); recuando à infância, minha e de meus irmãos – o jeito incomparável de contar histórias, na hora de dormir, ao sabor do improviso; e sempre e sempre – o desvelo amoroso, o maternal cuidado, o vigilante carinho. O vulto querido.

Mamãe faleceu em 6 de abril de 1980. Seu corpo está enterrado no Campo da Esperança, junto com o de meu Pai, que a seguiu em 16 de junho de 1985. Na lápide comum inscrevem-se dois sonetos do casal de poetas:

Deus

Meu filho, então não sabes quem é Deus?!
Não conheces o Verbo Poderoso,
Que, ao lado do ***oceano tenebroso****,*
Faz bonança e faz luz aos olhos teus?!

(Mesmo que surjam pálidos ateus
Achincalhando o Teu Perfil Glorioso,
Eu Te verei, ó Deus, ó Deus Bondoso,
Na luz do sol, no mar, nos olhos meus!)

Não vês que o Sangue do Seu Filho Amado
É como a seiva vigorosa e forte,
Que reverdece o tronco desgraçado?

Eu vejo Deus no berço, Deus na Morte,
Atravessando o Cosmos, lado a lado,
Com resplendor de majestoso porte!

Anderson de Araújo Horta
1906-1985

Exortação

Alma inquieta e sem rumo, sem morada
dentro do próprio ser, que te acontece?
Para onde vais? Que buscarás na estrada
onde o esplendor do sol desaparece?

Que desejas colher nessa encantada
terra de sonhos? Que dourada messe
supões haver na senda extraviada
onde nem mesmo o sonho permanece?

Olha em torno de ti. Volta e procura
em ti mesma o caminho da ventura
que andas buscando sem saber se existe...

Encontrando-te, enfim, terás a glória
de tornar a existência transitória
mais serena, mais terna e menos triste.

Maria Braga Horta
1913-1980

Lado a lado, com suas semelhanças e diferenças. Cumpriram suas vidas, em que a Espiritualidade e a Poesia foram duas constantes.

Neste volume consolido tão-só o testemunho poético de minha Mãe (espero um dia fazê-lo acompanhar do de meu Pai). Seu testemunho espiritual o compreende e o transcende, e continua vibrando, legado invisível, em nossa memória.

Laus Deo.

Brasília, fevereiro e março de 1992.

Autobiobibliografia

Nome:

– Maria Braga Horta *(née* Maria da Conceição Guimarães Braga).

Pais:

– Aristides Soter Braga (1891-1961), nascido em Bom Jesus da Cachoeira Alegre, distrito de Muriaé, MG, a 22 de abril.

– Esmeraldina Werneck Braga (1886-1973), nascida em São Fidélis, RJ, a 9 de dezembro.

– Casados a 13-4-1912.

Avós Paternos:

– Christiano Braga.

– Amália Bittencourt Braga.

Avós Maternos:

– Simão José da Silva Guimarães.

– Maria Werneck Guimarães.

1913 – Nasci a 17 de fevereiro no arraial de Bom Jesus da Cachoeira Alegre, na fazenda da Boa Esperança.

1924 – A família se transfere para Manhumirim.

1925 – Começo a fazer versos.

l927 – Termino o curso primário.

1928 – Primeiros sonetos, em geral de amor, com nenhuma experiência no assunto. Guardava o caderno escondido embaixo do colchão e quando foi descoberto, lido e comentado por minhas irmãs e primas, rasguei-o.

1929 – Começo o Curso Normal, em Manhuaçu. Abandono o curso em meio do ano para trabalhar com Papai, no Cartório. Já sou conhecida como "poetisa" *(je n'aime pas ce mot)* e, em Manhuaçu, faço parte de um grêmio literário e componho sonetos de louvação.

1930 – Papai me deu um cômodo na parte térrea da casa para "quarto de estudo". Tomo aulas particulares à noite. Continuo a fazer sonetos – produção em massa. Não são grande coisa mas começam a despertar a atenção dos amigos. Alguns são publicados no O *Manhumirim.*

1931 – Jornais e revistas do Estado do Espírito Santo publicam versos meus, com grandes elogios. Começo a selecionar as poesias para o livro *Caminho de Estrelas,* que topou com "uma pedra no meio do caminho".

1932 – Foi o meu "período áureo"... de fogo-fátuo. São do período 30-32 os sonetos: "Espera", "Abandono", "Nevrose de Beijos" ("Mais que as Estrelas no Céu"), "Estilhas d'Alma", "A História Consoladora", "Insatisfeita" ("Incerteza"), "Súplica", "Ultimatum", "Renúncia", "Parábolas", "Glória", "Jornada lnglória", "Destino", "Elogio da Alma", etc. Entre jornais e revistas que publicaram versos meus recordome dos seguintes: O *Manhumirim,* O *Muquyense,* O *Espírito Santo, Correio do Su,l Correio do Centro,* O *Clarim, A Voz do Sul, A Ordem,* O *Libertador, Vida Capixaba, Vida Fluminense, Jornal das Moças, Brasil Feminino, A Imprensa, Almanaque de Campina Grande.* Na imprensa capixaba publiquei, ainda, o. poema "Para Você" e, em prosa, "A Romântica de Todas as Épocas", "Felicidade... que Imaginação" (sobre a morte de Hermes Fontes – recorte d' O *Muquyense,* de 23-10-1932)... Consta que "Espera" foi publicado na Europa através do Círculo de Amigos de Marden.

1933 – Viagem de passeio a Carangola, onde fiquei conhecendo o Anderson. O namoro começou a 6 de janeiro.

– Transferi-me do Ginásio Evangélico de Alto Jequitibá (hoje Presidente Soares) para o Ginásio Carangolense.

– Fico noiva do Anderson a 6 de setembro e abandono os estudos, ainda na 2ª série. Passo por média.

1934 – 10 de fevereiro: casamento.

– 17 de novembro: nasce Anderson, em Carangola.

– Faço o curso "Madureza" e passo para a 5ª série, mas não termino o curso.

1936 – 4 de setembro: nasce o Arlyson, em Manhumirim.

– 4 de outubro: chegamos em Belo Horizonte, de mudança.

1938 – Nasce Augusto Flávio, em Manhumirim, a 13 de agosto.

1939 – Mudança para Resplendor.

1940 – Mudança para Mutum. Essa mudança foi feita a cavalo, com a média de 36 quilômetros diários. Gastamos três dias. Chovia muito. Grávida de quase 7 meses.

– Nasce Glorinha, a 20 de maio, em Mutum.

1941 – Voltamos para Manhumirim em fevereiro. Em março mudamo-nos para Carangola. Lecionamos, eu e Anderson, no Ginásio Regina Pacis. Faço parte do Centro Carangolense de Letras, onde, por duas vezes, defendo o "feminismo". Figuramos, aliás, entre os fundadores do Centro.

1942 – Mudança para Goiás, 5 dias de viagem, grávida também de quase 5 meses, do Goiano. Chegamos a 19 de março em Goiânia.

– Nasce o Goiano, a 22 de julho, em Vila Boa de Goiás.

1943 a 1944 – Leciono no Liceu Oficial de Goiás.

1945 – Mudança para Goiânia.

– Leciono História na Escola Normal Oficial.

1947 – Voltamos para Minas: -– Aimorés.

1948 – Mudança para Mantena.

1949 – Voltamos para Manhumirim.

1950 – Mudança para Lajinha.

1956 – Novembro, 15: mudança para o Rio.

– Leciono Francês no Ginásio 12 de Agosto, em Ramos.

1959 – Recebo menção para publicação do conto "Gavião de Penacho", com o qual concorri ao "Prêmio Gavião", da Livraria Antunes.

1960 – Menção honrosa no concurso de crônicas sobre "O Livro" instituído pela "Porta de Livraria" de O *Globo* e a Biblioteca Municipal.

– Primeiro lugar no "Concurso de Contos Tipografia *Co*mercial" de Bauru, SP, com o conto "Gavião de Penacho".

1964 – Mudança para Brasília (15-11).

1966 – 2° lugar no Concurso de Poesia da Academia Teresopolitana de Letras ("Transcendência").

1967 – Carlos Drummond de Andrade publica um soneto que lhe dediquei, no seu livro *Uma Pedra no Meio do Caminho.*

Complementação por Anderson Braga Horta:

1957 – Publicada a resenha "A Cidade e a Roa”" na "Porta de Livraria”, O *Globo* de 4-6.

? – No mesmo jornal e seção, "Duas Águas".

1969 – Finalista no 2º Torneio Nacional da Poesia Falada – Niterói ("Troféu Casimiro de Abreu"), com o poema "A Moça da Praça Mauá".

1970/71 – Publicado em folheto o poema "Manhumirim".

1971 – 1° lugar no primeiro concurso de poesia da Fundação de Assistência aos Garimpeiros – Brasília, com o poema "O Garimpeiro" .

– Participação na *Antologia dos Poetas de Brasília,* organizada por Joanyr de Oliveira, com os poemas: "Transcendência”, "Retorno dos Retirantes" e "Lírica Vegetal".

– Menção honrosa no concurso de poesia do Conselho Municipal de Cultura de Mangaratiba, RJ, com "Antiflor".

1975 – Publicada em *Poetas do Brasil,* de Aparício Fernandes (2º vol.), a coletânea *Antiflor,* composta dos sonetos "Antiflor", "Os Domingos", "Soneto Antifilosófico", "Conformismo dos Bois", "Lírica Vegetal", "Transcendência”, "Retorno dos Retirantes", "Sísifo", "O Sono do Soldado" (tradução de Rimbaud) e "Súplicàa” ("Anjo, Serpente, Nave").

1978 – No *Suplemento Literário do Minas Gerais* nº 596, de 4-3: "Oi, Minas Gerais".

1980 – Falece em 6 de abril. Seu corpo jaz na sepultura nº 7 da quadra 618 do Campo da Esperança.

– Em *Escritores Brasileiros ao Vivo,* vol. 2, de Danilo Gomes, entrevista conjunta com Anderson de Araújo Horta.

1981 – Na *Revista de Poesia e Crítica* n° 7, de maio, pp. 47-49, sob o título "Poesia de Maria Braga Horta": "Limitação" e Sonetos I**,** V e VI da "Louvação para Florbela" .

1987 – Na *Revista da Academia Brasiliense de Letras* n° VI, de setembro, pp. 217-223: "Louvação para Florbela".

1988 – Em *Contos Correntes,* de Napoleão Valadares: "Gavião-de-Penacho" .

1989 – No *Correio do Sul,* seção "Diversos Caminhos", de Zanoto (Varginha, MG), 21-1: "Visão" (nº VI de "Louvação para FIorbela") .

1991 – Na *Revista da Academia Brasiliense de Letras* n° X, de março, pp. 292-293: "Tempo de Poesia".

1992 – No *BsB Letras,* 19-2: "Obrigada, Amor" ("Anjo, Serpente, Nave", "Elogio da Alma", "Velho Tema, em Velho Estilo", "Jornada Inglória", "Obrigada, Amor!" e "Lirismo").

– Em *Letra Viva,* Manhumirim, dezembro: "Manhumirim".

1994 – Em *Alma Gentil: Novos Sonetos de Amor,* de Nilto Maciel: "Obrigada, Amor!", "Velho Tema, em Velho Estilo" e "Lirismo".

– Verbete no *Dicionário de Escritores de Brasília,* de Napoleão Valadares.

CAMINHO DE ESTRELAS

Caminho de Estrelas

Entre as pequeninas estrelas da minha nebulosa nenhuma existe de primeira grandeza.

Marcam, apenas, com uns raios de luz longínqua, alguns momentos emotivos que eu quis guardar da Vida.

São estrelinhas humildes, nascidas, ora de uma lágrima de Saudade... ora de um beijo de Amor...

ANTIFLOR

ANTIFLOR

Caule esdrúxulo, gerado
sem ventre. Crisol de verdes
espadas, sem punho e gume,
erguidas do escuro estrume
sem o orgasmo das sementes:
(grande mistério o de seres
vivente por recriado
de fibras remanescentes!)
– por que mistério ainda cirzes
a terra, tão bem cerzida,
com tuas finas raízes?
– por quê, sem fonte de amor,
vives (eterna antivida!)
se serás sempre antiflor?

SÍSIFO

Chamo-te pedra. De pedra
de muro antigo, amurada
contra um mar de pranto amargo
de olhar de amor amarado.

Pedra de ocultas arestas
e sub-reptícia trama
de emaranhadas amarras
em submarinhos mastros.

Ou de Sísifo, elemento
filosofal do meu verso,
por onde, sob vergastas

no renovado percurso,
à tua rude estrutura
ascendo, em lentas etapas.

Rio, 11-6-1960

RETORNO DOS RETIRANTES

Na volta, achamos os perdidos passos
do abandono da terra: nos currais
velhos cochos lascados e os baraços
destorcidos e secos dos manguais;

esqueletos fundidos nos penhascos
e caveiras no espanto dos pardais;
ferraduras com esquírolas de cascos
e mofados arneses nos portais;

por estirões sem fim de álveos vazios,
devassados mistérios, por assente
que nem sempre de água são seus rios,

e, nos toscos casebres, negros fumos
com que a vida marcou, no tempo ausente,
dos rudes passos os cansados rumos.

Rio, 6-1-1961

TRANSCENDÊNCIA

Aquele que traz a essência
deste amor tão raro e antigo
por quê, da flor da existência,
não deixa a essência comigo?

Por quê, da viva estrutura
do vaso, não deixa a norma,
que, em secreta cozedura,
lhe tome feição e forma?

Conteúdo e modelado
de argila e almíscar juntos
(por obra de grão cuidado,

não tosco filtro do acaso!)
deixemos, feitos defuntos,
nova essência em novo vaso.

Rio, 6-1-1961

LÍRICA VEGETAL

Com o verde, porque nascidos
e em pontiagudos rebentos
estuamos; com o qual tecidos
de estrigas dos elementos

do tempo, se afirma o uso;
e com mais verdes raízes
trançadas no verde abuso
buscamos novos matizes

com os pés no chão enterrados;
ou, por espiques e palmas,
aos longes azuis alçados:

nem da terra nos despimos
nem para o céu temos almas
mas, sempre verdes, subimos.

Rio, 6-1-1961

CONFORMISMO DOS BOIS

Nos estábulos perdemos
inconcebidos azuis
pois, cegos, nos recolhemos
a primitivos tabus.

E, porque mais merecemos
os nebulosos pauis
que os prados, em que bebemos
no espelho do lago a luz,

durmamos sob o telheiro
de transpirados odores
e lentas ruminações,

pois, de destino sendeiro,
não por estrelas e flores
são nossas transmigrações.

Rio, 6-1-1961

SONETO ANTIFILOSÓFICO

Ora, é chegada a vez do merecido
repasto (e ao mesmo tempo desjejum)
pelo tempo perdido e inútil, gasto
à procura (obsoleta) do incomum

aquém da metafísica, na essência
dos efeitos e causas definidos:
não origem, nem fim, mas os conceitos
da vida que nos faz tão mal vividos,

pois famintos voltamos (neste atraso
do entendimento e fim da resistência
contra o atavismo) no devido prazo

imposto pelo estômago comum
e, por ele, vencidos na evidência
da mesa posta para o desjejum.

Rio, 11-1-1961

OS DOMINGOS

Há, no campo, os domingos. Refrigério
de pleno azul-e-verde. As mãos vazias,
as cabeças erguidas. Cemitério
dos suores salgados de seis dias

e assunção onírica no etéreo.
Em repousado aumento de energias
aos domingos repete-se o mistério
de outro plantar não vegetal. Não frias

nem quentes, no contado em tempo escampo,
são as horas de simples repetência
da alegoria edênica no campo,

que, do ontem sofrido, sem respingos
vem beber do amanhã, por não vivência
na incerteza de haver outros domingos.

Rio, 17-2-1962

CAMINHO PERDIDO

DESTINO

O destino... Quem sabe o que é o destino?
Será um deus, um carrasco? ou, indiferente,
deixa em nós qualquer cousa de divino
ou nos crucia dolorosamente?

Quem sabe o que é o destino? É independente
ou escravo fiel, bom ou ferino?
Imutável, temível, inclemente...
ou apenas um nome? O que é destino?

Será destino a gente fazer versos?
Será destino o impulso ardente-e-doce
de cantarmos, embora em dor imersos?

Será destino amar? Seja o que for!
Para mim é destino a mão que o trouxe
do fim do mundo para o nosso amor!

Manhumirim, 1931

1913

ESPERA

Tu não vens, meu amor, porque te espero
e nunca o amor, quando d esperamos, vem.
Quanto mais tardas, mais e mais te quero
e, se aqui estás, eu mais te quero bem.

Espero-te e suponho que ninguém
pode reter-te aí, se aqui te espero:
és meu amor, és meu, e é meu também
teu coração, onde obedeço e impero.

Mas... tu não vens, e eu olho para a estrada
como quem olha fixamente o nada,
ouvindo as aves, só, sem compreendê-Ias...

E ainda te espero (a noite erma e deserta)
até que a vista se confunda, incerta,
na luz de vaga-lumes e de estrelas.

1931

INCERTEZA

Sou feliz e não sou!... ando indecisa,
sem saber, sobre o amor que sinto agora,
se traz consigo o ideal que se eterniza
ou a ilusão que nos sonhos se evapora.

Sei que o amor nunca traz como divisa
a certeza de sempre ou de uma hora
e esta dúvida eterna intranqüiliza
quem pelo amor eterno anseia e chora.

Sou feliz e não sou!... Nunca falamos:
ele passa e me fita, eu fito-o e passo,
e os lábios mudos, trêmulos, cerramos...

Ah! para ser feliz, preciso ter
os seus lábios nos meus e um longo abraço
que me afague e me prenda... até morrer!

Manhumirim,4-7-1931

A HISTÓRIA CONSOLADORA

"... E quello egli ode
Non con l'orecchio, si con uno spirito
Ch'è dentro lui."

Gabriele d'Annunzio

Como um pobre sem lar, que em vão se atreve
a invejar o esplendor do lar alheio,
meu coração vazio, em surto breve,
palpita ansioso e triste dentro ao seio...

E quando, à noite, em sonhos eu releio
os pobres versos que minha alma escreve,
meu triste coração de angústias cheio
pulsa, às vezes mais forte, às vezes leve...

E em seu pulsar desordenado, sinto
dentro em mim mesma a angústia de ser pobre
de beleza, de amor, de encanto e glória...

E então, mais calmo, em seu sublime instinto,
de uma campônia humilde, agora nobre,
vai, por consolo, me contando a história...

1931

1993

EXORTAÇÃO

Alma inquieta e sem rumo, sem morada
dentro do próprio ser, que te acontece?
Para onde vais? Que buscarás na estrada
onde o esplendor do sol desaparece?

Que desejas colher nessa encantada
terra de sonhos? Que dourada messe
supões haver na senda extraviada
onde nem mesmo o sonho permanece?

Olha em torno de ti. Volta e procura
em ti mesma o caminho da ventura
que andas buscando sem saber se existe...

Encontrando-te, enfim, terás a glória
de tornar a existência transitória
mais serena, mais terna, e menos triste.

IN AETERNUM

Nunca mais, separados, nunca mais,
desunidas as mãos, podemos ter,
neste mundo de estradas desiguais,
a suprema delícia de viver.

Unidos pelo amor, por ideais
que nem a morte poderá vencer,
nunca mais, separados, nunca mais
fruiremos a vida com prazer.

Fundidos num só ser, com o mesmo laço
que prende a vida e o amor, da transitória
existência aos destinos imortais,

irás preso ao meu braço, eu ao teu braço,
seja incerto o caminho, incerta a glória,
nunca mais separados. Nunca mais!

GLÓRIA

Essa glória que os outros me preparam
buscando-a na poeira dos meus versos
é como a glória dos que a conquistaram
com aparência de heróis incontroversos...

E eu anseio subir, de olhos imersos
na luz dos astros que jamais brilharam
para os olhos de tantos universos
que, pelo Espaço, em giros, os buscaram...

E transpor, tendo embora a alma sangrando,
esse augusto infinito, esse horizonte
que espalha louros no alto, me acenando,

fazendo essa helicônica escalada
com a luz da glória a iluminar-me a fronte
e a própria luz me iluminando a estrada...

Manhumirim, 2-10-1932

JORNADA INGLÓRIA

Eu quis colher, erguendo aos céus a mão,
uma a uma as estrelas do infinito.
Mas nada mais, na efêmera asçensão,
logrei que pô-Ia em rochas de granito.

Se erguia os pés no ar, voltando ao chão
feriam-se nas pedras. E ao meu grito
de dor, bailava no ar a extrema-unção
que uma estrela mandou na asa de um mito.

Alcei em vão o olhar pelos espaços...
E em vez de estrelas julgo, de imprevisto,
que sairá do meu túmulo em pedaços,

na decomposição da minha hist6ria,
como um simples santelmo, sem ser visto,
o fogo-fátuo azul da minha g16ria.

1932

DE NIHILO NIHIL

A Nilo Neves

Eu nasci, como os simples da existência,
numa choupana humilde e sem conforto
e, como os simples, tenho mais clemência
com os poleás que vão galgando o Horto...

Assim como a esses míseros, a essência
da vida é para mim um etéreo porto
onde, nem sei por quê, é a permanência
sujeita a leis de humano desconforto.

Míseros sóis que interiormente brilham
e que compreendem bem que inutilmente
hão de tentar brilhar na alheia estrada,

somos, assim, quais lázaros que trilham
pela senda da vida, amargamente,
na universal encarnação do Nada...

1932

ELOGIO DA ALMA

Ando com a alma em êxtase, intangível,
ébria de sonho a andar pelos espaços
como a seguir a estrela inacessível
que não pude tocar, erguendo os braços.

E se eleva no azul. Com os embaraços
que o pensamento encontra, irredutível
lutou e enfim venceu, firmando os passos
na estrada do país quase impossível.

E quanto mais a sinto aproximada
das estrelas, dos deuses, dessa etérea
fusão universal que é Tudo e é Nada,

mais me constranjo e mais eu reconheço
que não vale esta humana e vil matéria,
de que é motora, o mais humilde preço...

Carangola, 13-1-1933

A VOLÚPIA DOS OLHOS

Beijas-me os olhos com volúpia rara,
com essa rara volúpia de nevroses:
e o meu amor sente envolvê-lo a tara
das mais violentas metempsicoses...

Sinto em minhas pupilas a seara,
a estranha messe, a turba de ferozes
ondas de beijos que, inconsciente e avara,
recolho e guardo em loucas psicoses...

Beijas-me... e eu sinto em mim, nestes extremos,
a mórbida dormência dos abrolhos
e a exaltação do mar... Mas, compreendemos:

se eu me transformo e tu te transfiguras
é porque um beijo, assim dentro dos olhos,
é a síntese de todas as loucuras...

Carangola, 23-1-1933

O INFINITO DO SONHO

Pensas que eu amo a Glória, amo a Riqueza,
a Liberdade e os surtos do Infinito...
Imaginas meu sonho de Grandeza
elevado aos pináculos de um mito...

Pensas e dizes que eu não posso ir presa
ao nosso amor, assim, como um precito
a trabalhos forçados, pois que, acesa,
tenho a alma nos sóis do indefinito...

Pensas tudo isto e pensas mais, que um dia
hei de quebrar os elos da prisão
a que agora me entrego, e com alegria!

Mas... não pensaste nunca, com certeza,
que sintetizo em ti toda a extensão
dos meus sonhos de Glória e de Beleza.

Carangola, 30-3-1933 (meia-noite)

SÚPLICA

Eu venho te pedir... Nem sei ao certo
o que é que eu venho te pedir agora...
É um estranho desejo... e acho que acerto
ao pedir que mo dês antes da hora...

Toda a ânsia que o peito me estertora
vem do receio de falar, e aperto
o coração, a imaginar se, embora
sendo crime o que quero, o ache liberto...

É tão pouco o que peço e enche os Espaços!
Encerra um mundo e é curto o meu desejo!
Pode trazer ventura... e, após, ressábios...

Quero apenas sorver, presa em teus braços,
na comunhão do meu primeiro beijo,
a hóstia imaculada dos teus lábios...

O BOM LADRÃO

"Eu nada tenho neste mundo!" – alguém
disse a meu lado em tom de mágoa e prece.
E eu, que sempre consolo a quem padece,
dei-lhe o consolo de quem só faz bem.

“Eu quero amor..." – ele falou também
numa súplica ardente, e eu, se não desse,
seria ingrata, após ter dado a messe
de palavras de fé, que a dor sustém.

"Eu quero um pouco de carinho!"
E eu dei as minhas mãos às suas mãos ardentes
e quanto tempo as afagou, nem sei...

Mas... o beijo... roubou-mo! Não pediu!
E eu senti que em meus lábios tão frementes
todo um sonho de amor se definiu...

1933

ORGULHO

Passas na rua indiferente e mudo
e indiferente e muda eu também passo:
– como se, em nós, não nos dissessem tudo
os corações frementes de embaraço...

Sei que sentiste nalma o golpe agudo
que o meu desdém lançou no teu fracasso.
E tu bem sabes como está desnudo,
com o teu desprezo, este meu peito de aço...

Sabemos bem o mal que nos fazemos!
Finjo não ver-te e finges não me ver,
fazendo mútuo e imaginário esbulho.

Mas o que é certo é que ambos compreendemos
que o teu orgulho em vão me faz sofrer
e tu sofres em vão com o meu orgulho!

1933

MAIS QUE AS ESTRELAS NO CÉU

O perfume que deixas, com teus beijos,
dentro da flor vermelha dos meus lábios,
traz a minha alma ardente de desejos
e o coração fremindo, sem ressábios.

Longe de ti, em fúlgidos lampejos,
volto à razão dos sentimentos sábios.
Se te aproximas, voltam-me os almejos
e em catadupa os beijos vêm-me aos lábios.

Ficas. E nós ficamos abraçados
como dois jovens ternos namorados
(namorados e jovens que nós somos).

E quando o céu de estrelas se reveste
não chegam todas, na amplidão celeste,
para o poema de beijos que compomos...

TUA BOCA

Tua boca é para mim carmínea taça
em cujas bordas sorvo, trago a trago,
o divino hidromel com que embriago
o meu sonho de amor feito em fumaça!

Tua boca é um rubro cálice sem jaça
em que meus lábios, trêmulos, afago
na incontida volúpia em que divago:
– Vivamos nosso amor... que a vida passa!

Tua boca é a minha síntese vital,
em que fica suspenso o meu ideal,
em que eu prendo minha alma semilouca!

Tua boca é um sol ardente, em chama e em brasas:
sol de equador, que queima as minhas asas,
as asas de rubis da minha boca!

Manhumirim, 31-8-1936

ASHAVERUS

Nossa vida tem sido errante e incerta
como a vida feliz dos passarinhos
que em qualquer galho de árvore deserta
repousam do voejar e armam seus ninhos...

Nós temos sido assim: mal se desperta
de um sono calmo, os vendavais daninhos
– com a asa de pó barbaramente aberta –
destrançam nossos cômoros de arminhos...

Mas o bom tempo volta e o amor nos tece
na renda verde um ninho de esperanças
que ao som dos nossos beijos adormece...

Temos vivido assim: a tempestade,
quando destrói um novo ninho em franças,
mais nos enlaça na felicidade...

Carangola, 16-9-1937

1953.

TUAS MÃOS

Trazes, com o teu abraço, a carícia do arminho
com que tua mão lirial me perturba os sentidos
como a asa de um cisne a tocar, de mansinho,
a cítara do amor que me freme aos ouvidos...

Tuas mãos, sinto-as em mim: são dois vasos partidos
a entornar, no meu corpo, um rubro e estranho vinho
que me queima e embriaga e em surtos incontidos
faz-me vibrar no ardor do teu doce carinho...

Tuas mãos têm tal sabor quando as colho num beijo!
e não sei que atração se, ao levá-las ao seio,
sinto a alma vibrar em mais rápido arpejo...

Tuas mãos são dois faróis me salvando de escolhos!
Mãos que me fazem rir no mais vívido anseio
e que, quando eu morrer, irão fechar-me os olhos...

ZELOS

Cansei-me de enviar beijos e amor e abraços
nas cartas que te escrevo... e reclamas! Agora,
nem sei por quê, desfiz a última em pedaços
e atirei tanto sonho e ideal janela em fora!

Cansei-me de escrever tanto sonho! Nos laços
com que nos prende o amor, nosso amor me apavora
se eu tenho de escrever: "Aperta-me em teus braços"
e os teus braços estão distantes nessa hora.

Não me conformo em ver rolar de mão em mão
como um sonho que alguém poderá surpreender
nossas cartas de amor que traduzem paixão...

Deste amor que é só teu, só tu terás ensejo
de ler no meu olhar quanto te amo, e colher
no cristal de tua boca o néctar do meu beijo!

28-9-1937

CREPÚSCULO

Nós dois. Apenas nós. De braços dados.
Felizes como um. par de colegiais!
Como um par de primeiros namorados
na penumbra das tardes estivais.

Nada mais importando. Nada mais
tendo forma nem cor. De braços dados
lembraremos os velhos ideais
na ventura dos sonhos renovados.

Seja assim novo encontro entre nós dois.
E pode a vida prosseguir depois
nos seus rumos há séculos traçados.

Mas que deixe, em nós dois, essa embriaguez
de quem sentiu o amor, mais uma vez,
como um par de primeiros namorados.

Lajinha, 2-2-1956

TÂNTALO

Não seria maior, nem mais forte o castigo,
fosse o crime de morte ou pecado de amor!
Mas o néctar do céu, que trouxeste contigo,
trouxe o fogo do inferno a teu mundo interior.

Foi cruel o suplício, e cruel o inimigo
ao negar-te, da água, a doçura, o frescor;
ao negar-te um só pomo, ao negar-te um abrigo,
e te expondo ao olhar um país de esplendor.

Por teu crime sofreste e foi grande a tortura!
(Era o néctar tão doce, a ambrosia tão pura!
Se não fossem de Zeus, tentariam a Zeus!)

Não amaste, porém, e não foste obrigado
a partir triste e *só,* e deixar o ente amado
sem um beijo de amor, sem um gesto de adeus...

Lajinha, 2-2-1956

OBRIGADA, AMOR!

Obrigada por tudo, amor! Por teu amor,
pelo céu, pelo mar, pela terra! Obrigada
por me fazeres rir e chorar, pela dor
de te esperar, em vão, numa noite estrelada...

E por vires, depois, me trazendo uma flor,
me fazendo esquecer toda a mágoa passada!
Pela breve carícia, entre anseio e temor,
pelo beijo roubado... e por tudo: obrigada!

Pelo sonho, o ciúme, a saudade, a ilusão,
a inquietude, o desejo, a sublime emoção
no infinito prazer de amar e ser amada!

E por tua presença eterna em meus sentidos
no ardor de reviver os momentos vividos:
muito obrigada, amor! Amor, muito obrigada!

Lajinha, 12-2-1956

MARASMO

Tudo parece velho e centenário
neste deserto rude, ermo e sombrio;
as árvores, a gente, o campanário,
tudo parece tiritar de frio.

Tudo é parado e quieto. Até o rio
parece um lago. Aqui, o solitário
Álvares de Azevedo, em seu fastio,
nem escrevia à irmã, no aniversário!

Nada se faz. Nada acontece. A vida
é como a morte: um vago sentimento
de ser e de não ser, despercebida...

É triste a terra e o céu é tão tristonho,
tão fria a lua e tão soturno o vento,
que o próprio amor se cristaliza em sonho.

Lajinha, 25-2-1956

SEMPREAMOR

"Por que versos de amor, na tua idade?
Já passaste do tempo de ilusões...
É tempo de pensar na eternidade
e fazer penitências e orações.

Já não tens o frescor da mocidade
nem és do tipo de inspirar paixões...
Por que versos de amor? Canta a saudade,
o desengano, a dor, as frustrações."

Era a voz da razão, sincera e amiga.
E eu jamais saberei como, e nem quando,
seu conselho de amiga obedecer...

A voz do coração quer que eu prossiga,
que eu passe a vida simplesmente amando,
que outra razão não há para viver.

Lajinha, 25-2-1956

DIVERSIDADE

Vendo o sol percorrer sempre o mesmo caminho,
lá do alto do céu dominando o universo,
me pergunto: – Por quê, neste mundo mesquinho,
o destino da gente é tão vário e disperso?

Por quê, da rota azul que percorre sozinho
irradiando calor, fez, contudo, diverso
o calor que recebe o quintal do vizinho
do calor que recebe a rima do meu verso?

Meu vizinho, que planta o seu solo em agosto,
colhe em breve o seu fruto de ouro. E ri e canta,
e se sente feliz, tão feliz que dá gosto!

E eu aqui, sol a sol, faço versos de amor!
E o meu verso não tem, como o grão que ele planta,
o condão de fazer feliz o próprio autor...

Lajinha, 26-2-1956

ETERNIDADE

Faço versos assim como p amor faz ciúme,
a árvore faz sombra e dá frutos e flor,
como a flor desabrocha irradiando perfume,
como a nuvem dá chuva 'e o sol produz calor.

Faço versos porque só meu verso resume
os meus sonhos de glória e os meus sonhos de amor
e neles me reflito e em seu frágil volume
condenso as vibrações do meu mundo interior.

Para quê, afinal? Nem eu nem tu sabemos...
Mas, talvez pressentindo outra vida futura
na resposta que deu Jesus a Nicodemos,

espero (aqui na terra, ou no céu, onde for...)
nascer de novo e ter a suprema ventura
de fazer novamente os meus versos de amor.

Lajinha, 7-2-1956

SEM PALAVRAS

Para falar de amor a palavra não peço,
que o amor, em geral, não faz uso da voz:
mal desponta é notado, é nos olhos expresso
e se infiltra na alma, e se apossa de nós.

Para falar de amor nem a frase começo...
Basta estar junto a ti, basta estarmos a sós:
com meus beijos de amor, meu amor te confesso,
que o amor, afinal, não precisa outra voz...

A linguagem do amor não se ajusta à palavra
nem, querendo expressar seu poder infinito,
de nenhum formulário oral se torna escrava.

Que outros falem de amor com palavras banais!
Nosso amor, meu amor, não precisa ser dito,
que os meus olhos e os teus sempre falam demais.

Lajinha, 28-2-1956

O POETA

Quando nasce um poeta, é só seu corpo humano,
pois na alma do poeta o infinito vem preso
e o seu corpo não é mais que um verme profano
em que vibra o esplendor do céu, na terra aceso.

E no inútil labor do seu cérebro insano
– sentindo, pela vida, ansiedade e desprezo –
semeia as ilusões e colhe o desengano
e entre a terra e o céu pára o vôo, surpreso.

A alma de cada poeta é um sensível compasso
medindo os sons e a cor, os ritmos e a luz,
procurando o infinito e se abrindo no espaço!

Seu destino, na vida, é um dilema fatal:
ama a terra e ama o céu e em seus versos traduz
a ambição de ser deus e a dor de ser mortal!

Lajinha, 4-3-1956

FÊNIX

Perdida na aridez do deserto infecundo
fui passando a existência e aceitando o deserto,
vivendo sem sentir que vivia num mundo
em que o amor existisse e estivesse tão perto!

Mas um dia esse amor, com seu dardo profundo,
me atingiu num só golpe implacável e certo:
com seu beijo fatal, que foi só de um segundo,
vi surgir novo mundo e florir o deserto.

E esse amor que me queima, e extasia, e ilumina,
é mais forte que a vida e o infinito domina
e me arrasta em caudais de loucura e desejo!

Pois se a cinza do tempo *o* envolveu pouco a pouco
foi para o preservar, que mais forte e mais louco
nasce sempre de novo ao calor do teu beijo!

Lajinha, 17-3-1956

CIÚME

Eu não tenho ciúme e nem vejo no ciúme
uma prova de amor infinito e real:
o amor verdadeiro em si mesmo presume
possuir o condão de tornar-se imortal.

Se buscamos, no amor, ter o frasco e o perfume
– corpo e alma a vibrar num prazer sempre igual –
é que achamos que o amor deve ter por costume
procurar atingir um só plano ideal.

Pois o amor, na união de dois seres, é feito
da esperança de que dentro de ambos se aloje
o ideal mais sublime e mais puro e perfeito.

Mas o ciúme não vale o seu triste feitio!
Não se prende entre as mãos um perfume que foge
nem se deve lutar por um frasco vazio.

Lajinha, 18-3-1956

IMPORTÂNCIA DE AMAR

Um minuto de amor é, por vezes, o traço
que une dois corações nos caminhos da vida:
com um olhar, um carinho, um sorriso ou um abraço,
a ampulheta do tempo é por ambos sustida.

Num minuto, porém, é possível que o laço
se desfaça entre os dois e os separe em seguida,
e não podem, jamais, caminhar passo a passo,
porque a alma de um só ficou presa e ferida.

Mas, no amor, o que importa é a emoção de um minuto,
dê apenas perfume ou dê flores e fruto,
quer lhe traga o destino alegrias ou dor;

e não pode afirmar, nem no juízo final,
que cumpriu, neste mundo, a missão de um mortal
quem não teve na vida um minuto de amor.

Lajinha, 26-3-1956

ALTERNATIVA

Nunca pude aceitar ter nascido Maria!
Era grande a ambição de que eu fosse um José
que não fosse poeta e que tudo faria
para dar ao país mais feijão e café.

Por não ser um José, por ter vindo Maria
(contrariando o palpite e fazendo *forfait*),
ninguém mais, senão eu, afinal sentiria
o pesar do malogro, o suplício que é

lavar roupa, cozer, arranjar toda a casa!
desejar o infinito e nascer sem ter asa
e o próprio pensamento em grilhões arrastar...

Mas se eu fosse José onde acaso acharias
outra Maria igual, entre tantas marias,
que tivesse, como eu, tanto amor pra te dar?

Lajinha, março de 1956

SEGREDO

As estrelas já sabem meu segredo!
Vejo-as sempre piscar (com que malícia!)
transmitindo, uma às outras, a notícia
do nosso eterno e palpitante enredo...

Elas sabem, também, que tenho medo
(pois acho neste amor tanta delícia!)
de perder um só beijo, uma carícia,
quando pretendes me deixar mais cedo.

Elas sabem de tudo, há tantos anos!
pois desvendaram todos os arcanos
de nosso corações com seu fulgor.

E eu acredito que elas pisquem tanto
por verem neste amor tamanho encanto
que as faça, todas, palpitar de amor.

Lajinha, 31-3-1956

LIRISMO

Fale um outro poeta mais austero
de temas, em geral, de alto horizonte,
ou imite Camões, Virgílio, Homero,
buscando a inspiração em nobre fonte.

Que eu não tento transpor tão longa ponte
e penetrar num mundo tão severo.
Como Kháyyám, Gonzaga e Anacreonte,
só canto o amor, só dele a glória espero.

"Ser poeta é ser triste." Esta legenda
vem na fronte do poeta e é como prenda
que lhe fazem as musas no batismo.

Desse prêmio, porém, não tive a parte,
e me faltando enredo, engenho e arte,
falo de amor no mais banal lirismo.

Lajinha, 4-4-1956

FÁBULA

D. Raposa sempre está rondando
a parreira plantada em certa quinta
e seu olhar arguto se faz brando
ao notar cada fruto que se pinta.

Enquanto os cachos vão se amadurando,
para os colher, em artes se requinta.
Tudo em vão. – "Estão verdes..." Vai andando.
Cai uma folha. Volta-se, faminta.

D. Mulher não faz questão das uvas.
Não quer sujar as mãos, tirar as luvas,
pois não é com tão pouco que se engoda...

Só persegue a raposa – azul ou gris...
Não consegue alcançar, torce o nariz:
– "As raposas estão fora da moda."

Lajinha, maio de 1956

SEM MOTIVO

A inspiração me foge entre as névoas do sono.
Tento escrever. Não posso. E vou dispondo os traços
sobre o papel sem pauta, em visível abono
às más imitações dos célebres Picassos.

Mudo de direção como um barco sem dono
aos embates do mar. E aos sutis embaraços
da cadência e da rima, enervada abandono
a nau no mar azul, e me atiro aos sargaços.

Noite inteira lutei procurando a saída:
fiz um esboço banal, um soneto sem vida,
nesse estilo incolor dos talentos mesquinhos,

pois, tentando alcançar o horizonte perdido,
descobri que perdera, a um só tempo, o sentido
da nova direção e dos velhos caminhos.

Lajinha, 5-5-1956

ESPERA – II: 1931-1956

(Nas bodas de prata de um soneto)

Houve um tempo em que fiz a longa espera
desse amor que se quer e que não vem:
– o olhar, perdido na celeste esfera,
– a alma, perdida multo mais além...

E o tempo não contava. A primavera
da vida é o tempo em que se espera alguém.
E esperei, sem supor, na incerta espera,
que ele pudesse me esperar também.

Hoje não sei mais esperar. O outono
vem apagando as luzes para o sono
sem mais sonhos de amor, sem mais desejos.

Mas, se um dia chegar, inesperado,
me encontrará com o mesmo olhar cansado
de ver estrelas e chorar por beijos.

Lajinha, 30-6-1956

ABSTRAÇÃO

Eras, do amor sonhado, o sonho oculto
e foste o mais buscado e o não previsto
e em quantos já tentei deter teu vulto
em tantos me enganei que o houvesse visto.

Para tornar-te real, rendi meu culto
a uma forma ideal e, enfim, conquisto
a certeza do amor com o qual exulto,
pois só por teu amor é que inda existo.

Entre os amores plácidos e frios
vi que em meus sonhos flácidos, vazios,
foram dias risonhos os de adeus.

Mas ao chegares vi que toda a vida
vivera só por ti, sempre perdida
entre outros sonhos que não foram teus.

Lajinha, 15-7-1956

SE...

Se eu pudesse chorar neste momento
em que a dor. me perturba e transfigura;
se uma lágrima só, se um só lamento
pudesse revelar minha amargura;

se ainda pudesse crer que o sofrimento
acrisola a esperança de ventura;
se uma palavra só, qual um memento,
me fizesse supor que o mal não dura;

se eu pudesse chorar e, nesse pranto,
dar expansão à mágoa e extravasar
todo o excesso de dor, de desencanto,

nivelando esta dor a tantas dores;
eu talvez conseguisse acreditar
que estou vivendo sobre um mar de flores...

REFÚGIO NO TEMPO PERDIDO

No infinito perdido, as perdidas imagens
intocadas, no altar do impossível erguidas,
e o sonho as transportando em furtivas viagens
cada vez mais além, cada vez mais perdidas...

No caminho, a perfídia espalhando miragens,
a mentira escondendo as verdades sabidas,
o ciúme apagando o esplendor das paisagens
e o pecado imitando as paixões consentidas.

E o infinito mais longe... E nem tempo e nem ponto.
Há um vazio no além, um cansado reconto
das horas sempre iguais, repetindo o universo,

e o meu sonho, tentando atingir o infinito
com o peso deste amor, impossível e aflito,
que não cabe na terra e se expande num verso.

Rio de Janeiro

1993

CONSELHO

a qualquer donzela,
no velho estilo de província, em toda parte

Por terdes, por amor, vestido a vossa
mais bela roupa de tecido leve
e irdes cantando com essa voz que adoça
mais que o mel, e pisardes com esse breve

mas apressado passo, e serdes moça
de mui rosada tez, que se descreve
como feita de pêssego e da louça
de porcelana original de Sèvres,

tende cuidado! que através das rendas
com que vos enfeitais, do vosso encanto,
busca o amor conquistar-vos outras prendas,

de vossa sedução tão seduzido!,
que vos fará chorar (que amargo pranto!)
depois de, por amor, vos ter despido.

Rio, 7-1-1961

VELHO TEMA, EM VELHO ESTILO

Eu, que de amar e amor tenho vivido,
vou, de amar, pouco a pouco definhando:
do meu amor caindo em triste olvido
e de vãs ilusões me sustentando.

Já de etéreas miragens hei descido
e (mais de perto a vida contemplando)
vejo o que vira do alto almo e florido
rudes deformações ora mostrando.

Mas, se de amor mister viver me fora
outra vida (e outro tanto amarga e doce),
sendo ele o senhor, eu a senhora,

haveria por bem ter de vivê-Ia,
tão parca fosse a recompensa, e eu fosse
tão feliz como hei sido ao recebê-la.

Rio de Janeiro

EQUILÍBRIO

Por amar e sofrer e ser feliz
sei que tive da vida o natural
e se ela não me deu tudo o que quis
foi, talvez, porque eu quis sempre o irreal.

Ao lhe pedir amor nunca supus
que lhe estava pedindo o bem e o mal,
que ora teria aos ombros uma cruz
ora ao céu subiria, imaterial.

Pois o amor tem nuances imprevistas
quem dele vive nunca faz conquistas
que possam ter feição definitiva.

São premissas do amor: o céu, o inferno;
e entre os dois sofro e gozo o amor eterno
e é por amar demais que inda estou viva.

Brasília, 4-5-1963

ESPERA – III

Tu não vens, meu amor. E te espero, e te chamo.
Em cada pulsação o teu nome repito.
Quanto mais longe estás, mais e mais te reclamo
e a distância menor me parece o infinito.

E não vens, meu amor. Pelo vasto recamo
de estrelas, meu olhar de ansiedade reflito
e dizendo o teu nome e dizendo: "Eu te amo!"
que te guiem de novo a meus braços lhes grito.

Esperar, na incerteza, é o maior dos tormentos:
vai o olhar se toldando e nos lábios sedentos
morre a terna expressão de cansados desejos.

Mas te espero e adormeço. E dormindo te espero.
E sonhando te chamo, e sonhando te quero,
e é no sonho, afinal, que me cobres de beijos.

Brasília, 5-5-1963

ANJO, SERPENTE, NAVE

Em que outros sonhos teu amor se esconde
do meu sonho? Onde o céu, a cova, ou cais
para o encontro fatal? Quem me responde?
Os deuses, creio, não nos falam mais...

Talvez o céu esteja em ti... Mas, onde?
a cova em ti, talvez funda demais...
Perto de ti, talvez, sem rumo, ronde
a nave, sem do porto achar sinais.

Anjo, serpente ou nave - o que procura
em ti? O porto incerto, a cova impura,
o céu onde gozar o amor sem fim?

Se acaso não possuis, do céu, a chave:
não dês pouso à serpente ou porto à nave,
para que o anjo permaneça em mim.

SONETO DO JUDEU ERRANTE

Vem me seguindo pela estrada o vento
da ignomínia, me varrendo a essência
das palavras, do amor, do pensamento,
da mais leve ilusão de permanência.

Por onde passo, um sismo de inclemência
cobre de sal o chão em que, ao relento,
paro e descanso por vencida urgência
de sono e fome, angústia e desalento.

Dos limites do círculo fechado
pelo estigma vem, com o vento, o grito
na sucessão do tempo avolumado:

"Caminha!" E me levanto e vou, sem norte,
sob o peso do vínculo maldito
da vida eterna à minha eterna morte.

Brasília, outubro de 1967

CONFISSÃO

De tanto ambicionar a perfeição
e querer pôr a vida em justo termo
transformei-me no rígido padrão
a que se chama, às vezes, estafermo.

Com os ensinos concretos da razão
meu cérebro tornou-se árido e ermo
de qualquer passional opinião
que me acusasse o espírito de enfermo.

Neste exame final de consciência
confesso que a existência não me trouxe
mais que um símbolo falso da existência:

Buscando a perfeição não fui perfeita
e o próprio coração neguei que fosse
feito do barro de que fora feita...

CANTOS E ELEGIAS

ASAS PARA O INFINITO

Qual um pássaro sem destino abri, para o azul sem fim, minhas asas de. teia e filigrana...

Tão frágeis, tão imateriais, como haveriam de resistir aos ventos, às procelas?

Como resistiriam, tão finas! ao frio e ao sol?

Eis o que aconteceu:

– fechadas, como um desejo, no pensamento, tinham a forma e as cores da perfeição...

– abertas à luz, transformadas em vôo, desfizeram-se em pequenos retalhos deformados, como pedaços de penas a rolar pelo chão...

TRANSCENDENTALISMO

Mamãe Vida...
Deixa que eu siga sempre, eternamente,
(sofrendo embora a angústia dos sozinhos)
tua estrada de seixos e de espinhos...

Eu quisera que os séculos passassem,
que outros sóis, outros mundos, outros povos
transpusessem a órbita do Espaço...
... e eu, eternamente como o Nada
(a mais transcendental das Criações),
seguir pela mãozinha de Mãe-Vida
desafiando os túmulos e os gritos
dos mundos que a meus pés se desmoronam!

E – como o Nada-Eterno, no Universo –
viver dentro do Eterno-Nada do meu verso...

Mamãe Vida...
Deixa que eu siga sempre, eternamente,
tua estrada de seixos e de espinhos...

1932

TEU OLHAR

Teu olhar é o Oceano onde navegam
meus olhos, – como barcos de papel
soltos ao léu das ondas, – sem destino...
É o mar sem fim, sem algas, sem abrolhos,
– qual ânfora de sonho esfeita em mel
nas taças dos meus olhos pequeninos...

Teu olhar é o Oceano onde se banham,
como gaivotas tímidas, meus olhos
que vão, num páreo certo, sem derrotas,
pelas tardes serenas, ao sol-posto,
num ruflar de asas níveas e fugaces
beijar a praia ardente do teu rosto.

Teu olhar é o Oceano... E nos teus olhos
caíram, como pérolas perdidas
pelo batel das ilusões – os meus...
E bem no fundo, opacos, esquecidos,
dormem, como se fossem dois luares
mortos, dentro do mar dos olhos teus...

1993

Teu olhar é o Oceano... Em suas águas
voga a falua dos meus olhos mortos...
Meus olhos são cariátides da Lua
que se vestem com a renda das espumas
para se debruçarem pelos portos
dos teus, sustendo as tênebras e as brumas...

Teu olhar é o Oceano! E são meus olhos
dois barcos de papel que vão vogando
pelos teus: – mar sem algas, sem abrolhos...
E eu vou sentindo, em loucas psicoses,
que, como dois barquinhos, soçobrando,
afogam-se os meus olhos nos teus olhos!...

Carangola, 3-2-1933

PENAS

Pena, que célere alado
deixou cair junto a mim:
és o presente e o passado
do sonho que não tem fim.

Refletes a minha vida
que em parte alguma descansa,
das ilusões perseguida
e sempre atrás da esperança.

Pena, que o vento transporta
sem rumo, de déu em déu:
não és nem viva e nem morta,
nem da terra e nem do céu...

O sol, a chuva, o mormaço,
te mudam sempre de cor:
um ponto solto no espaço,
sem luz, sem som, sem calor.

Na terra, do céu exul,
igual ao teu é meu fado,
pena que um pássaro azul
deixou cair a meu lado.

Que eu; também, solta na vida,
vagueio de norte a sul,
de leste a oeste, perdida,
atrás do pássaro azul...

1941

APÓLOGO CHINÊS

(Adaptação de uma fábula
transcrita por Edmundo Lys)

Havia um grande sábio no Oriente
(era o sábio dos sábios: Li-Chi-Kin)
que meditava, séria e longamente,
para atingir, do seu saber, o fim.

Do Tao-Teh-King as máximas singelas
e os livros de Hou e Yué – tudo sabia;
se aprimorara em busca das mais belas
inspirações. Agora escreveria.

Vai escrever um magno tratado:
toda a sabedoria universal,
com seu labor paciente e devotado,
dará à luz em tomo original.

Encomendou, então, um rico in-fólio
de mil e uma páginas. Por fim
acendeu sua lâmpada de óleo
e fechou-se em seu quarto Li-Chi-Kin.

A tarde era de inverno. O Sha distante
corria: águas escuras, em tropel...
Fitando o céu, o sábio nesse instante
embebeu no nanquim o seu pincel.

Muitos anos lhe foram necessários
de estudos, para ver chegado o dia
em que fosse traçar extraordinários
brocardos de real sabedoria!

E todos criam que outros tantos anos,
em seu árduo trabalho, o sábio fosse
gastar. Ele, porém, de seus enganos
os tirou, com expressão serena e doce.

Nessa tarde de inverno (a mesma tarde!)
deu ele, a seu trabalho, início e fim.
E que luz tão brilhante agora arde
nos olhos já sem luz de Li-Chi-Kin!

Os sábios de Hou e Yué foram chamados
e o mestre, abrindo o seu imenso in-fólio,
um a um foi dispondo os convidados
sob a luz de sua lâmpada de óleo.

Uma rosa entreaberta sobre a mesa
causou espanto aos magnos varões...
Mas espanto maior, maior surpresa
lhes penetrou nos secos corações

quando o sábio dos sábios, Li-Chi- Kin,
folheando o seu tratado, à folha extrema
com seus trêmulos dedos de marfim
lhes apontou a máxima suprema.

Das mil e uma páginas havia
(e isto atesta do sábio o alto valor)
só uma página escrita, em que se lia
uma palavra, simplesmente: “Amor”.

Aimorés, 28-7-1949

NATAL DO PAPAI NOEL

É Natal. paz no céu. Na terra o amor.
Ele, somente, que é da vida aborto,
nunca teve um sapato para pôr
atrás da porta, a mendigar conforto.

É apenas o Natal que o faz supor
que se conserte um pau nascido torto,
que se torne Ilmº Sr.,
se nunca teve onde cair mais morto.

Será sempre o que foi noutros natais:
seu retrato estampado nos jornais
com botas de verniz, brilhantes fatos.

Papai Noel de loja de calçados
cuja beleza e custo são vedados
a quem, como ele, nunca usou sapatos.

Rio, Natal de 1956

DE MÃOS DADAS

Vivamos – irmão e irmã
de mãos dadas, toda a vida!
esperando, no amanhã,
a mesma estrada florida

que até hoje percorremos.
A vida é uma só. Vivemos

por um milagre do amor!
Vivamos, pois, nosso prazo
assim como vive a flor:
indiferente, ao acaso...

E, como a flor, espalhemos
perfume, enquanto vivemos.

Não vale a pena marcar
o tempo contando invernos:
nascemos para sonhar
que somos seres eternos.

De mãos dadas, pois, sonhemos
que mil Natais viveremos...

MISTÉRIO

Muitas vezes tentei remover a pátina
do muro anímico, ou lápide,
envoltório ou sepulcro
na tua face.

Antes, era cristal aos meus olhos ingênuos
ou, talvez ingênua,
eu julgasse os reflexos do instinto
por luz própria.

Hoje o limo te esconde a antiga face
simples e natural.
Vejo só, através do verde musgo,
a esbatida expressão da luz distante,
e essa luz me parece o instintivo reflexo
(li, por acaso, Freud)
do desejo carnal.

Qualquer que tenha sido, ou seja agora,
não tentarei lavar lápide ou muro
anímico que a esconde.

E através do mistério e limo opaco
beijo-te a face.

Lajinha, 16-8-1956

DUALISMO

Para prestar testemunho do meu espírito
que eu não sei de onde veio
nem para onde vai
foi criado o meu corpo de princípio e de fim.

Mas somente os meus pensamentos irrevelados,
os sentimentos ocultos,
os desejos contidos
permanecem no plano da verdade estabelecida.

Porque todos me julgarão pelos meus passos,
pelos meus atos,
pelo que digo,
pelo que visto e que tenho.

E talvez nem eu mesma me julgue pelo que sou,
pois o meu próprio espírito se empenha
em prestar o melhor testemunho do meu corpo.

...e sou enganada pelos dois...

Lajinha, 29-8-1956

ÚLTIMAS PALAVRAS

Eu morta, não procures
me ver – pela certeza
que terás de eu não mais
sentar contigo à mesa
e nem clamar teu corpo,
jamais, pela presença
do que, subterrâneo,
cumpre a eterna sentença.
Não sigas meu cortejo
nem busques meu jazigo
mas, sabendo-me morta
(sem que morta me visses),
conserva essa impressão
de ausência temporária
(que é dada a quem não vê
a morte e o funeral)
e que a qualquer momento
poderei regressar,
sentar contigo à mesa,
contigo me deitar

(mesmo que outra esteja
contigo, em meu lugar).

Rio, 1960

DESPEDIDA

Não levarei comigo nada meu nem de ninguém.
Devolvo a todos o quinhão de vida
que Viveram comigo e por mim
e os liberto
do ritual das flores no jazigo
que nada mais (depois) contém
que os vestígios de um corpo
que em verdade jamais me pertenceu.

Simples sombra (invisível) chegarei
diante do espelho
em que foi o meu tempo refletido
e inscrito em gradações de forma e cores.

Do que era teu em mim
separados os lados
sepultarás o morto.

O vivo ficará perdido
nos teus olhos
procurando o infinito.

AOS PÁSSAROS

Aos pássaros não fere o rude atrito
das folhas secas a rolar no saibro
de fechados jardins mal entrevistos

nem aos anjos dormidos nos altares
de distantes capelas fere o grito

nem os peixes na espuma das correntes
as flores dos jardins, pedras de abismos
ou o vento que sopra nas vertentes
pelo belo que os cerca são feridos

nem a todos os homens, do que vêem,
fere o momento de beleza e graça:
que eles também são como o tempo, a vida
que vai passando e ninguém vê que passa

pois viventes que são da hora concreta
não se deixam ferir pelo mistério
que sempre fere o coração do poeta.

18-1-1961

TEMPO DE POESIA

Título: do livro de poesia de Edison Moreira
Motivo: Eclesiastes, 3

"Há um tempo para tudo e cada coisa
tem, debaixo do céu, o seu momento."

Nasci em tempo de poesia. A morte
espero que também seja em seu tempo.

Há tempos que não tive e não terei:
matar e destruir e atirar pedras,
tempos para odiar e fazer guerra.

Procuro, quando encontro as coisas más,
curar, edificar, juntar as pedras,
fazer do ódio, amor; da guerra, a paz.

O que plantei (e apenas plantei flores)
não arranquei. Talvez o vento arranque.
Mas serão, outra vez, suas sementes
outras plantas iguais com novas flores
iguais, em qualquer ponto sobre a terra:

Outros tempos marcados de contrastes
(chorar e rir; gemer, dançar; o abraço
e o afastar-se de abraçar; a busca
e a perda) são os trâmites da vida
por onde passas e por onde eu passo.

Tempos para guardar e atirar fora
outros têm, não eu, que apenas tenho
a partilha do pão de cada dia.

De rasgar e coser tenho os dois tempos
num só – cíclico e prático sistema:
rerrasgar, recoser o mesmo pano...

Em calar e falar: o tempo, e o tema
que a ninguém cause espanto ou cause dano.

Tempos de se esperar ou de escolher
são esses, de vivência interrompida.

Só seu tempo imutável, sob o céu,
tem quem nasce poeta. Embora inútil,
tempo de poesia é toda a vida.

9-6-1964

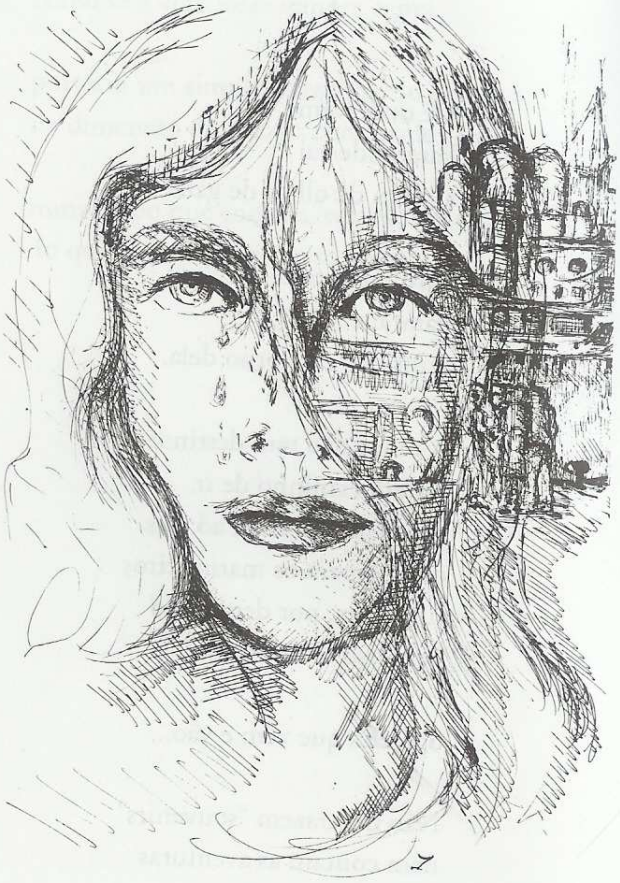
MOMENTO

Guardo o tempo e as palavras na memória
como se a vida fosse sempre agora

pois sou um simples crescimento de alma
na dimensão do tempo percorrido

num corpo que conduz, velada, a essência
do que não foi escrito e só vivido.

Brasília, 10-12-1964



A MOÇA DA PRAÇA MAUÁ

I

De onde vem?
Para onde vai
a moça de olhos de gata?

Parou na praça. Pararam
grumetes em torno dela.

A moça não tem destino:
só tem caminho de ir,
no escuro da vida, ao cais
onde espera os marinheiros
(urgentes, por demorado
percurso na solidão).

São eles que vêm e vão...

Não lhe trazem "souvenirs"
nem contam as aventuras
do mar e de estranhos portos.
Nem passado e nem presente

lhe contam. Nem ela os tem
para contar a ninguém.
Iguais, no seu merecido,
um dia vai, outro vem.

II

Um dia a encontraram morta
no cais da Praça Mauá.
Suicídio, acidente ou crime?
Nem foi preciso indagar...
Morreu simplesmente a moça
que não recebeu da vida
seu tempo de armazenar.

Acodem três cavalheiros
de branco (tarde demais!)
e a levam num carro branco.
Mas não de branco vestida
vai ela ao eterno cais.

Sobre toda a humanidade
pesa o peso desta morte
da moça que não viveu
estória de se contar,
condenada ao seu caminho
de ir ao cais e voltar
sempre, sempre, sempre, sempre...
sempre sem rir, sem chorar.

III

Morreu a moça dos olhos
de gata. Morreu? Mentira!
A moça de olhos de gata
nasceu com o cais, viverá
o tempo de duração
do cais da Praça Mauá.

Lá está outra vez na praça.
Grumetes desembarcados
dos mares da solidão
(nascidos também com o cais
só com ele morrerão)
urgentes seguem os passos
do seu primeiro destino
em terras de arribação.

A moça de olhos de gata
é porto de solidão.
Nasce e morre. Morre e nasce.
Traz estampado na face
seu horóscopo malsão.

De onde vem? Para onde vai?
A moça não tem destino;
seu tempo ficou parado
no marco da condição.

O TREM DE FERRO

Passa o rio
passa a ponte
passa o sol
e passa o vento
passa o cavalo no pasto
passa boi,
passa boiada
passa o cachorro sarnento
de todos e de ninguém
passa a moça na janela
meninos jogando bola
meninos vendendo frutas
mendigos pedindo esmola
já passaram mais de cem.
O que passa neste trecho
passa no trecho que vem.

O trem passa sempre cheio:
mudança que vai, que vem.
Ninguém está satisfeito
onde está e com o que tem.

Passa a vida e passa o trem...

Brasília, setembro de 1965

INFÂNCIA

I

Pelos caminhos da minha infância
sigo os teus passos na manhã
do teu ofício e meus deveres.

Ora encurtas teus passos, me esperando,
ora apresso os meus passos e te alcanço.
O importante é que se combinem como o corpo
e a sombra, e não importa qual dos dois
tem que ceder para acertar o compasso.

No percurso me ensinas uma flor
pousada como um pássaro num ramo
ou me explicas os pássaros no vôo
e me respondes o porquê das coisas.
Por quê? – vou sempre perguntando.
E descubro que atrás de cada mistério
há outro mistério e outro mistério.

Mistérios que nenhum de nós jamais desvendará.
Ninguém.
O homem poderá descobrir o universo,
voar entre as estrelas,
mas jamais descobrirá o que deseja descobrir.

Mas tudo se aclara, enfim, quando chegamos.
Esquecidos os mistérios,
enfrentamos a nossa lúcida rotina:
a tua – a de ensinar,
a minha – esta miscelânea de pequenos deveres
e grandes interesses,
esta vontade de descobrir o mundo
e inventar o céu.

Salpico o chão da escola com a água
de uma garrafa de rolha recortada;
varro, espano, encho de água a grande talha de barro
vermelho.
Enquanto isso, lá fora, as crianças em fila cantam.

II

Desço correndo
o morro-do-meio:
o sol me ofusca e o sangue do nariz salpica
o meu vestido branco.
Só consigo parar ao pé da ponte.
Lá vem seu Toronho-benzedor rodeado de gente

e seu Totonho e a gente que o rodeia
me rodeia.
Um lenço branco se tinge de vermelho
sob meu nariz.
Seu Totonho benze e diz:
"Mais vale o poder de Deus
do que o poder deste mal."
Uma prima me leva e empresta outro vestido.
Saio de azul da casa
e entro na venda de seu Roldão:
– Mamãe mandou buscar uma réstia de cebolas.

Havia poesia no sol, no morro, na ponte,
naquele deslumbramento de liberdade
na descida do morro,
no sentimento de importância de ver o povo
aglomerado em volta da menina
que veio voando com asas brancas
salpicadas de sangue.

De volta, passo a passo, subo o morro.
Ninguém mais nas janelas ou na rua.
Trago a réstia de cebolas como uma coroa de louros
conquistada no escuro.

NOITE

Noctâmbula, noctívaga, noturna,
que sei eu o que sou? Gosto da noite
e por ela vagueio dentro e fora
de mim e nela adentro.

A noite oculta os sonhos
dos cônjuges no leito conjugal.
(Que mais podemos ocultar, que os sonhos?)
Escondo-me, na noite, de mim mesma:
vejo a outra que sou fora de mim
sem pés no chão, sem estômago, sem
o mínimo de senso e mesmo assim
ambígua.

Pela noite caminho o universo, caminho
o destino de ser
o que sou e não sou.
A noite é ponto
de chegada e partida do mistério
da luz: a noite é ponto
de pergunta: onde? o que é? quando? quem sabe?

Gosto da noite. A noite
não tem espelhos
nem respostas.

MEU VERSO É TRISTE...

Meu verso é triste
e eu sou feliz.

O verso é o tempo
todo de espera.

Eu sou o instante
na eternidade.

No verso o antes,
no tempo o agora.

Meu verso é busca;
meu tempo, encontro.

APENAS...

Apenas no íntimo, oculto
do tempo e da vida, o amor
aposto em anacoluto
sem um sentido perfeito
explica o porquê da flor
que trago sempre no peito.

TEMA E VARIAçÃO

I

Dias e noites... A vida
passando por entre os dedos
e a morte passando a vida,
quem lhes descobre os segredos?

Quem sabe por quê, sentida,
murcha a rosa entre meus dedos?

II

Noite e dia. Morte e vida
passando por entre os dedos.
Vida e morte, repetidas...
Quem lhes descobre os segredos?

Dias e noites. Corrida
de luz e sombra; brinquedos!
uma da outra escondida.

LIMITAÇÃO

Termina, aqui, meu tempo de vivência.
Limito-me, concêntrica, no chão
em que piso.
Chão escasso.
Chão liso.
Nem mais um passo.
Nem mais um passo
                fora
do trajeto
        ida
            e
volta
na mesma rua e com os mesmos encontros.
Confino-me, cansada,
no amor e no pão e me pergunto:

– Por que me urde o espírito nas coisas
que o prendem no telúrico? Por que
não segue mais, com o pensamento
        l i v r e
de abrir o estanque círculo do tempo?

Será porque, por próprio amor, se tenha
por fonte, leito e mar da água da vida
que se conjuga em verbos de manter
o tempo inscrito
em ritos
de conforto no corpo quase morto?
Ou, talvez, porque preso no domínio
do corpo, se presuma estar liberto
do mistério de antes e após o caos
e, aceitando a prisão, nela confine
a certeza de ser seu próprio deus.

CELEBRAÇÕES

BODAS DE PRATA

A meus Pais, pelo transcorrer
de suas bodas de prata

Vinte e cinco anos! Quem há de
dizer que um amor perdura
tão longo tempo! E em verdade
que vai crescendo em ventura!

Primeiro, um berço... A trindade
se expande em riso e ternura!
Oito berços... (A saudade
de um que partiu para a altura...)

O amor, que traz a alegria,
traz a mágoa. E em mil afetos
se irmanam o Gozo e a Dor!

E o ciclo da Vida, um dia,
mostra avós, filhos e netos
dançando a ronda do Amor!

Belo Horizonte, 13-4-1937

MÃE

A Mamãe, no dia das Miks

"Mãe!" – Teu nome que evoco e que chamo, baixinho,
é uma doce canção com que as mágoas conjuro.
Embala-me o teu gesto e o teu gesto, no escuro,
ilumina-me a fronte e me aclara o caminho...

"Minha mãe!" – Que poder mais sublime e mais puro
faz vibrar nosso ser com mais força e carinho?
A alma de quem é mãe é tecida de arminho
e tece para o filho, em glórias, o futuro.

"Mãe!" – Que nome mais santo e mais feito de amor!
São três letras que têm das estrelas o brilho,
têm da luz a doçura e do sol o calor!

Ser mãe é perpetuar mundos, povos e céus!
Ter na glória do amor e nas artes de um filho
a conquista imortal de todos os troféus!

Goiás, maio de 1942

RETRATO

Olhai: é minha mãe. Neste retrato
– embora a voz lhe falte, e falte a cor –
a gente pode ver como, de fato,
ela encarna a expressão do próprio amor.

Vede o olhar: que doçura e que fulgor!
Beijo-lhe a mão... tão terno o seu contato!
Na expressão do seu rosto a alma interior
se espelha como o lírio num regato.

Sinto-a vibrar aí, tão comovida
por notar que a contemplo... Ah! se através
da tela a vísseis como vejo – em vida!

Tão longe está! E aqui, tão perto, a vejo
que me ajoelho e inclino-me a seus pés...
Olhai: é minha mãe. Vou dar-lhe um beijo!

Goiás, 9-11-1942

MANHUMIRIM

A meus Pais

Na Rua Nunes da Rosa,
sobrado, Manhumirim,
três balcões de grade antiga,
duas janelas dos lados
e minha mãe num balcão
vendo as ruas, vendo o rio,
os netos vindo da escola,
chegar de dia o "noturno",
papai voltar do Cartório
trazendo os jornais na mão.

Manhumirim é um presépio
no meio da serra armado.
Eu tenho em Manhumirim
dois velhinhos num sobrado.

Era tão bom no meu tempo!
(não desfazendo de agora)
com o velho jardim murado,
as barraquinhas no adro
da igreja, no mês de maio:
– "Quanto dão por esta rosa?"
– "Um conto de réis." – "Dois contos,
para a moça mais bonita!"

(Não era eu.) – "Dou-lhe duas...
... dou-lhe três!" O Jubileu
de Bom Jesus, em setembro:
bandeirolas multicores,
barracas de bricabraque,
o circo, o “cavalo-anta”,
mendigos e camelôs,
e o parque de diversões...
a procissão se estendendo
como um rosário de gente
custando a passar o fim
e já de volta o começo.

Lá estão, em Manhumirim,
meus velhinhos num sobrado...
Manhumirim do meu tempo!
eras um mundo encantado.

Conhece Manhumirim?
Nada tem de principal.
É como todas as outras
em tudo e por tudo igual
para um estranho que passa
e deixa o pó dos sapatos.
Só para a gente de lá

existe um "quê" diferente,
pois onde se enterra o umbigo
se prende a alma da gente
e o corpo quer se enterrar,
que o fio que solta a vida
atrai os passos da morte.
Qualquer dia irei por lá!
Subirei pelo caminho
estreito, de ziguezague,
que fica em frente ao sobrado
de data antiga e apagada
mas cheio de amor por dentro
e sempre mais vivo e terno.

Duzentos e trinta e três,
sobrado, Manhumirim.
Lá me esperam dois velhinhos...
(Não são tão velhos assim!)

Rio, 28-8-1959

SÃO FRANCISCO DE ASSIS

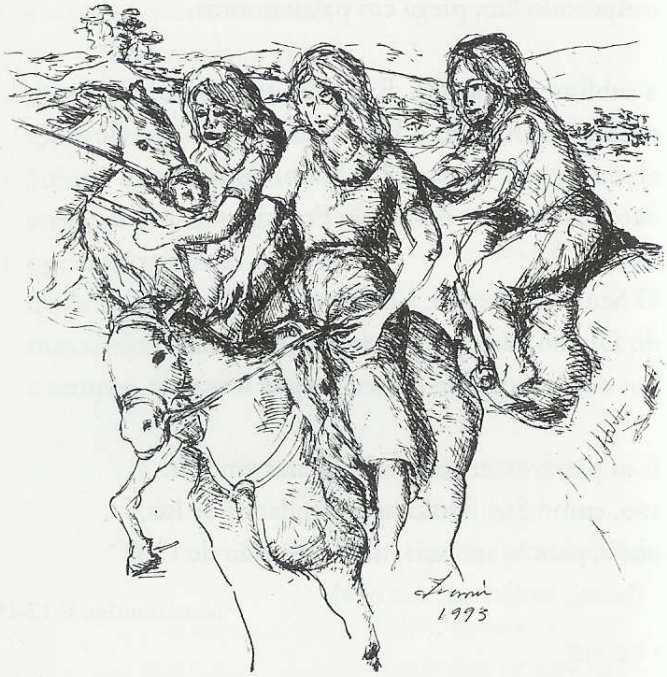
São Francisco de Assis sai aos campos. Em bando
de centenas vêm vindo os pássaros gentis
e enquanto, em suas mãos, vão o pão debicando
o Apóstolo lhes prega em palavras sutis

o sublime Evangelho. E as aves, escutando
todo o Amor, todo o Bem, todo o Ideal que ele diz,
abrem as asas de ouro e volitam, cantando:
São Francisco de Assis! São Francisco de Assis!

O Santo lhes repete a palavra fulgente
do Divino Pastor que, pregado na Cruz,
nos deu a redenção do seu sangue inocente.

E os pássaros, então, abrindo asas em véu,
vão, como São Francisco, inundados de luz,
pedir, para os mortais, toda a bênção do Céu!

Manhumirim, 6-12-1937


1993

AS AMAZONAS

I

Da Cítia ao Termodon, na Temiscira,
a cavalgada heróica, em bandos, desce
vencendo os homens com tamanha ira
que o último varão desaparece...

São Amazonas cuja tribo, em messe,
combate contra Baco e se retira
para atacar outro inimigo. E tece
trama sutil que a todos admira:

Uma vez cada ano, armando os laços,
os homens de outras tribos, com talento,
na conquista do amor prendem nos braços.

São, porém, egoístas como a abelha
que apenas quer, num rápido momento,
colher, da Vida, a atômica centelha...

1993

II

Só criavam mulheres. De crianças
– para o manejo de armas ser perfeito –
iam cortando os caracóis das tranças
e secando, sem dor, o destro peito.

Do ponto Euxino à Ática, nas franças
das florestas da América – o direito
de governar firmava-se nas lanças
dessas mulheres de ideal conceito...

Escudo ao lado, o seio nu, a aljava
traziam no ombro, com valor sustida,
prendendo a acha, o arco, a seta e a clava...

No amor, vencê-las, era tanta a sorte,
que valera perder direito à vida
no humano gozo da infinita morte!

Carangola, 29-10-1941

RETORNO

Fecha os olhos e vem. Nega o presente
e despreza o futuro. A vinha medra.
É a Grécia do passado, a Grécia ardente
que o vinhedo do Olimpo, em tempo, redra,

ressurgindo aos clarões do sol nascente
com seus lavores de metal e pedra,
com seus templos e deuses. Tanta gente
junto à estátua de Palas e à de Fedra!

Fecha os olhos e sonha. Fecha os olhos
e consente que o espírito divague
sobre a Fênix que sai de entre os escolhos.

Fecha os olhos e sonha, ementa amiga,
antes que a luz de um novo dia apague
toda a arte e esplendor da Grécia antiga.

Carangola, 7-9-1941

GOIÁ5

Goiás! Como se sonha em tuas plagas!
Como a lua é mais cheia e mais dourada
debaixo do teu céu, sobre o teu chão!
Como a nossa alma em cânticos afagas!
E como a gente vive enamorada
de tua misteriosa tradição.

Tua história é lendária e diferente
como um conto de fadas e princesas,
como a história de terras ignotas!
Tem tal sabor irreal que leva a gente
a vogar ao tantã das correntezas
dos teus rios de lendas mais remotas!

E, ao som de inúbias, trompas e chilreios,
sonhar que passam bárbaras bandeiras
devastando os teus bárbaros sertões:
– tendo por trilha os naturais meneios
das águas claras e das corredeiras
do Araés, do Araguaia e do Pilões.

Como é constante essa visão de outrora
das lutas entre indígenas e brancos,
da árdua luta dos homens contra a fera!
E muito embora o sofrimento, embora
marche ao sabor de múltiplos arrancos,
vai sempre à frente, intrépido, o Anhangüera!

No desbravar das matas não se cansa
a bandeira que rompe à chuva e ao sol,
vagando incerta, à sorte, sem roteiro:
– tendo ao timão a deusa da Esperança
– o Acaso por guia e, por farol,
as estrelas benditas do Cruzeiro!

És a cidade mágica, enleada
na áurea teia de lendas do passado,
na tradição de lutas e de glória!
Cada pedra é a lembrança de uma "entrada",
cada casa recorda um passo dado
nos penetrais de tua ingente história.

Teu céu parece vir de encontro à terra
e abraçar o teu corpo de verdura,
de pedrarias, de ouro, e níveas casas!
O luar, em ti, mais clara luz descerra!
Brilham mais as estrelas lá na altura
e é mais ardente o sol em que te abrasas!

Vendo-te assim banhada ao sol, desejo
escalar os teus muros em ruína
e cantar, como a ave, em tuas frondes!
colher da tua brisa o quente beijo!
e descobrir, do bosque na surdina,
todo o mistério bárbaro que escondes!

Na canícula as águas dos teus rios
têm mais valor que as águas mais famosas,
têm o suave frescor de oculta fonte...
E sobre a água os matagais bravios
entrelaçam as ramas – tão frondosas! –
rendando o céu na tela do horizonte...

E a gente sonha, dentro da água fria,
com os corpos nus de intrépidos "guiases"
boiando entre mil flores e entre espumas...
E a taba, ao longe, aquém da penedia,
arma os índios guerreiros mais audazes
com arcos e flechas de veneno e plumas...

Penetrar teu passado é ter visões
de todo o drama antigo das bandeiras
e do esplendor dos dias de grandeza:
– é ver passar no rol das gerações,
com o sincronismo exótico das feiras:
– ouro, morte, esplendor, fome, riqueza!

Vejo passar conquistadores bravos:
Manuel Corrêa, Antônio Roxo e Cid,
Bartolomeu Bueno – o herói audaz
que, conduzindo os homens como escravos
do seu poder, e afeito à dura lide,
nos deixou Vila Boa de Goiás!

Sertanista de sangue aventureiro,
dominou os "guiases" mais bravios
com uma astúcia bem própria àquela era:
queimando álcool lhes diz: "Sou feiticeiro!
Se não cederem queimarei seus rios!"
E os índios o saudaram: "Anhangüera!"

E o futuro da terra lhe pertence:
tem a Serra Dourada por muralha,
as estrelas por manto e Deus por guia!
Surge casa e mais casa! O esforço vence!
Traça-lhe a glória em louros a mortalha
enquanto el-Rei lhe assina a desvalia!

Mas a semente aqui ficou plantada
e a opulência da terra abriu-se em festa
nos anseios de amar e de crescer!
E ainda guarda a feição de eterna amada
que conserva com ardor o que lhe resta
como prenda do herói que viu morrer...

Que confusão de muros e pomares
forma a paisagem típica e bizarra
que a água reflete em seu profundo espelho!
Saltitam aves de ouro em teus palmares!
Canta num galho a poética cigarra
e sussurrante rola o rio Vermelho...

És a apoteose viva da Bandeira!
do passado vibrante do Brasil
em que o ouro brotava como a relva!
Tens o brasão de terra hospitaleira!
Teu sol de ouro em céu de eterno anil
casa-se ao verde rútilo da selva!

Bendita a mão que não te quis tocar
mudando-te os contornos medievais
pelo traçado métrico e moderno!
Que quis como relíquia te engastar
no coração, e em honra de seus pais
votar-te um culto de louvor eterno!

Detém-te aí! Nem mais um passo adiante!
Fica-te assim como és: saudosa e altiva,
qual monumento histórico e divino!
Fica-te assim: romântica e distante
como a lembrança eterna e rediviva
de um passado que vibra como um sino.

Deixa onde estão teus marcos legendários!
Deixa que os teus antigos chafarizes
sejam como a Castália do teu povo!
Deixa onde estão teus velhos santuários
de carrilhões que plangem tão felizes,
mais felizes que um bronze alegre e novo!

Fica-te assim mostrando aos teus rebentos
que o culto do passado anda em teus passos
na perpétua eclosão de gl6ria e paz!
Fica-te assim, em êxtase, em "mementos",
sob a Cruz de Anhangüera que abre os braços
numa bênção de Deus sobre Goiás!

Goiás, 15-5-1942

PROFESSORINHA

Para a Lucy

Vai ela, de pasta ao lado,
pensando não sei em quê!
Talvez nalgum namorado...
numa lição do a-b-c...

Com um vestidinho esportivo,
fitinha azul no cabelo:
parece não ter motivo
de nenhum sonho ou desvelo...

Só ela sabe o trabalho
que dão as trinta meninas!
muitas sem ter agasalho...
todas sem ter vitaminas...

E quanta dificuldade
na história e na geografia!
Só gostam da liberdade,
do sol, da vida vadia!

Lá vai a professorinha!
Tem seus problemas... Se tem!
(Tão boa, tão bonitinha!
Ninguém os sabe... Ninguém!)

Mas vai alegre, sorrindo
à criançada, que adora.
Parece o cromo mais lindo!
Pura e gentil como a aurora!

Vai ela, de pasta ao lado,
sonhando não sei com quê...
Talvez com o reino encantado
das histórias que ela lê...

Desperta... Chegou na horinha!
Cinderela ou Borralheira:
lá está a professorinha
cantando o Hino à Bandeira!

De pasta ao lado, à tardinha,
cansada, porém risonha,
vem vindo a professorinha...
Ninguém sabe o que ela sonha!

EX CORDE

A Sociedade dos Amigos de Carangola

Quando recebo, em meu aniversário,
o bonito cartão da Sociedade,
me vem um sentimento extraordinário
de gratidão, de orgulho e de vaidade!

É que, em perene e terno relicário,
guardo o sublime culto da amizade
e esse postal bonito é o meu rosário
em que desfio as contas da saudade

das pessoas, da terra, igreja e flores,
da Rua Quinze e Ilha dos Amores,
dos jardins, dos coqueiros, do noivado...

E me sinto feliz, e isto consola:
meus amigos gentis, de Carangola,
me trazem, de presente, o meu passado.

Lajinha,27-2-1956

O "PRELÚDIO DA GOTA D'ÁGUA"

Faz-me lembrar Chopin, em seu doce lamento,
esta chuva que cai, gota a gota, das telhas,
num prelúdio que nasce aos murmúrios do vento
e que cresce ao fulgor de douradas centelhas.

Faz-me lembrar Chopin esta rosa vermelha
pondo uma nota alegre em meu triste aposento:
que a alma de quem ama às vezes tem, parelha,
uma dupla expressão de gozo e sofrimento.

Esta chuva que cai em tom de ré bemol
lembra-me o seu prelúdio; o *crescendo* no sol
tentando dissipar das tristezas o véu

e esta rosa vermelha em que um raio pousou
fazem lembrar Chopin... Foi Chopin quem deixou .
cair, gota por gota, um prelúdio do céu.

Lajinha, 6-3-1956

OUTONO

"Estou velho, e a paixão que me inspiraste arrastar-me-á ao túmulo, pois não cesso de encher de vinho a grande taça. Minha paixão por ti tem razão contra mim mesmo... E o tempo desfolha a minha bela rosa... "

– Do *Rubáiyát,* 66, de Ornar Kháyyám.
Tradução de Octavio Tarquinio de Souza.

Minha paixão por ti tem razão contra mim
e, se tento esquecer-te, o nirvana ameaça
arrastar-me, inconsciente, a seu sono sem fim,
porque a vida, sem ti, não tem sonhos nem graça.

Já na idade em que o amor se desfaz em fumaça
(meus cabelos já têm leves tons de marfim...)
a paixão que inspiraste é uma nuvem que passa
como um véu junto a ti, e um sudário por mim.

Sempre é tempo de amar! Nunca é tarde demais
para ter ilusões, perseguir ideais
e beber do mais rubro e mais cálido vinho.

É inútil, porém, pretender ser amada
quando a vida, afinal, dobra a curva da estrada
e o outono desfolha as rosas no caminho...

Lajinha, 5-4-1956

PERFEIÇÃO

"Um pouco de pão, um pouco de água fresca, a sombra de uma árvore e os teus olhos! Nenhum sultão é mais feliz do que eu... Nenhum mendigo é mais triste..."

– Do *Rubdiydt,* 68, de Ornar Kháyyám.
Tradução de Octavio Tarquinio de Souza.

A perfeição, no amor, é não querer
nada mais do que amor. Que vale a glória?
O que valem riquezas e prazer
de externo brilho e essência transitória?

Nada mais se há de amar senão o amor:
único bem que envolve alma e matéria,
que faz que nasçam flores de outra flor
na aspiração de uma seqüência etérea.

Que eu tenha, apenas, água fresca e pão,
e a sombra de uma árvore; no meu
o teu olhar – e atinjo a perfeição!

Nada mais, para mim, no mundo existe!
Nenhum sultão é mais feliz do que eu...
Nenhum mendigo pode ser mais triste...

Rio, 10-4-1957

AUSÊNCIA

"Noite. Silêncio. Imóveis as folhas das árvores, imóvel o meu pensamento. Uma rosa, ao meu lado, deixou cair a *primeira pétala... Onde estás, tu que me ofereceste* a *taça* e *por quem ainda suspiro?! Certo, uma rosa não se desfolha perto daquele* a *quem tu, neste momento, sacias* a *sede: mas sentes certamente* a *falta do prazer amargo que sei proporcionar-te* e *que te faz delirar.* "

-–- Do *Rubdiydt,* 153, de Ornar Kháyyárn.
Tradução dé; Octavio Tarquinio de Souza.

Noite. Silêncio. As árvores, na estrada,
dormem as velhas folhas ao relento.
Tudo imóvel no ar. Vida parada.
E imóvel como o céu, meu pensamento.

A meu lado uma rosa nacarada
perde a primeira pétala. Lamento:
"Tu, que me deste a taça almiscarada,
onde estás, meu amor, neste momento?"

Certo não se desfolha uma outra rosa
perto daquela que a teu lado goza
neste instante a delícia de te amar

mas, com certeza, hás de sentir a falta
desse prazer amargo, que te exalta
e que só eu te sei proporcionar.

Rio, 13-4-1957

DESENCANTO

(Chave de Guilherme de Almeida)

Houve um tempo em que andamos abraçados
colhendo flores e contando estrelas
e na doce ilusão de namorados
podíamos senti-Ias e entendê-las.

Sempre felizes e cantando pelas
regiões do sonho e quase desligados
da realidade, as flores e as estrelas
eram os nossos símbolos sagrados.

Hoje, desfeito o sonho e sem desejos,
sem estrelas, sem flores e sem beijos,
arrastamos os pés pelos caminhos.

E ainda fundidos nesse eterno abraço
vamos presos à vida, passo a passo,
quanto mais juntos, tanto mais sozinhos.

REMORSO

(Chave de Guilherme de Almeida)

Nascida em condição de ser sujeito
e preso à tribo de feudais raízes,
tenho sido instrumento insatisfeito
de primitivos e atuais juízes.

Pelo que quis fazer e não foi feito
perdi, da vida, os tempos mais felizes
e da amargura que guardei no peito
ainda pulsam latentes cicatrizes.

E por tudo que fiz contra a vontade
guardo o remorso de me haver traído
nos mais simples e humanos sentimentos

e esta angústia de estar na realidade
como um sonho que apenas foi vivido
nos meus fecundos arrependimentos.

LEGADO

A Carlos Drummond de Andrade
(resposta a seu soneto do mesmo título)

Que lembrança melhor deixará para os seus
o poeta, senão os seus versos, seu tudo?
pois que deixa uma herança inspirada por Deus
e que a todos pertence em total conteúdo.

Nem é dado ao poeta, em seu último adeus,
deixar mais que o seu verso imortal e desnudo...
que este mundo atual não premia os orfeus
com palácios, brasões, nem medalhas e escudo.

Mas do verso que vibra e que escorre da pena
na infinita expressão que somente um poeta
poderá traduzir em linguagem terrena

ficarão para sempre a lembrança e o carinho
de quem soube polir, com primores de esteta,
uma pedra que havia em meio do caminho...

Lajinha,18-4-1956

DUAS VOLTAS EM TORNO DE UM TEMA DE BOCAGE

"Zéfiro, enchendo as rosas
De mdgoa e de ciúme,
Ia nos ldbios dela
Gozar melhor perfUme. "

Ai de Mim, Senhor!

Em que jardim, Senhor,
senão em Portugal,
da mais formosa flor
plantaste outro rosal?

E onde, com mais ternura,
criaste a mais formosa
donzela – ainda mais pura
e mais sutil que a rosa?

Pois que, Senhor, contemplo,
debruçado à janela,
o mais perfeito exemplo
da rosa, e o da donzela.

E a jovem (por mais ser
que a flor) por onde passa
o mundo pára ao ver
tamanho encanto e graça.

A ave canta ao vê-Ia,
a flor ao chão se inclina,
brilha por ela a estrela,
o sol lhe diz: divina!

E Zéfiro, finório,
(transpondo o Guadiana,
a Torre de Sertório,
o Templo de Diana)

nem fere a flor das águas
vertentes do Degebe
e os suspiros e mágoas
das rosas não percebe.

Faz todo o seu caminho
incólume, apressado:
não busca o Tejo, o Minho;
segue direto ao Sado,

contorna as serranias
de Arrábida e, loução,
cruza as torres esguias
de S. Felipe e Outão.

Entra em Setúbal. Fim
de tão audaz jornada
que ali, em seu jardim,
o espera a sempre amada,

Pois vem, desde o Pradiela,
causando mágoa e ciúme
para, nos lábios dela,
gozar melhor perfume.

*

Não teme o lírio – a hidra;
não fere a rosa – o espinho;
não marca a clepsidra
o tempo a pão e vinho;
o sol não nega à lua
a luz que a faz brilhar;
nem a frágil falua
teme a amplidão do mar.
Tais coisas espantosas
não são, por seu costume
de ser, cotidiano.
Mas, de mágoa e ciúme,
podem morrer as rosas
se Zéfiro, tirano,
por elas passa, tredo,
sem ouvir os seus ais,
e vai, trêfego e ledo,
gozar melhor perfume
nos lábios divinais.

Também, de mágoa e gelo
maiores, sorvo o travo
ao ver com que desvelo
se torna dono e escravo

de quem, só por cativo,
me fora grata a sorte
de ser, por ela, vivo,
e ter, por ela, a morte.
Mas, ai de mim, Senhor!
qu'eu, por meu triste fado,
já morto estou de amor
e em vida sepultado...

*

Pudera eu ter o sopro
de Zéfiro, que alcança
o desejado escopo
com sua oculta lança.

Porém, de amor perdido
e amor trazendo exposto,
com setas de Cupido
jamais toquei seu rosto

mas dia a dia vejo
o encanto, o gozo, a graça
com que recebe o beijo
de Zéfiro que passa...

Escuta, Amada, a Prece

Amada! Não percebes
o meu cruel tormento?

Se Zéfiro recebes
em teus lábios de mel:
por que meu pensamento
que vive em ti, constante,
não colhe esse laurel
de eterna glória e gozo
se em teus lábios o pouso,
mais que Zéfiro, amante?

*

Escuta, amada, a prece
do meu sentido amor:
se a rosa, hoje, fenece,
depois nasce outra flor,

mas outro amor igual
ao meu, firme e profundo,
não há em Portugal
nem pode haver no mundo.

Despreza, amada, o beijo
de Zéfiro, imaturo,
e atende ao meu desejo
de amor eterno e puro.

Então, sem mais ressábios
de mágoa e de ciúme,
eu possa, nos teus lábios,
gozar melhor perfume.

Brasília, 1965

LOUVAÇÃO PARA FLORBELA

I – DEDICATÓRIA

Ah, Florbela! o teu canto é irmão do meu:
Canto de amor, de mágoas, de quimera...
Eu também sou alguém que não sou Eu...
Sempre quis ser aquela que Eu não era.

A Florbela que amou e que sofreu
(Que amor igual ao seu ninguém lhe dera!)
Será Florbela Espanca, a que morreu
De amar, ou Eu, que por amor morrera?

Sou Eu... És Tu... Ah! Não somos ninguém
Que vivesse em seu tempo ou nos seus versos:
Sempre quisemos mais, aqui e Além...

Mas foste Tu, Florbela, a que perdida
Em si mesma, encontrou os ritmos tersos
Para cantar o amor maior que a vida.

(Rimas mistas.)

II – DESTINO

Vibram ondas de símbolos cromáticos
Em teus sonetos magistrais, tecidos
Com lilases diáfanos, extáticos,
E com cardos agrestes, retorcidos.

E que signos líricos, fantásticos,
Por teus versos de amor passam, perdidos!
– Tristes, pagãos, alegres, hieráticos, –
Envolvendo-te o espírito e os sentidos.

Sonetos que abrem, rútilas, as portas
Do infinito a essas tristes folhas mortas
Que espalhaste na terra, em ânsia louca!

Ó Florbela! Ó crucificada flor!
O teu destino era este: a glória, a dor,
O espírito maior e a vida pouca.

(Rimas de "Meu Soneto" e "Sobre a Neve".)

III – OUTRA FLOR

Não há, em teu castelo, mais ninguém.
Teus leves passos, teu oJhar de amor
Não buscam mais à hora do sol-pôr
Aquele que se espera e que não vem.

Já partiste, tão cedo! para o Além!
Lá não és mais a Castelã da Dor!
Serás, talvez, Florbela, uma outra Flor,
Sem tristeza, sem mágoas, sem desdém.

E as pétalas frementes dos teus dedos,
Desfazendo os atávicos enredos
Dos pecados de amor, se fazem mastros

Na Via Látea, onde andarás, pagã,
Por sobre estrelas, no incessante afã
De hastear teus sonetos pelos astros.

(Rimas de "Castelã da Tristeza" e "Meu Soneto".)

IV - FLORBELA

O que não sei de ti, musa pagã,
O que em silêncio carregaste aos ombros,
Busco em teus versos, na esperança vã
De seguir-te através campos e combros.

Mas me vejo perdida, entre os escombros
Dos teus sonhos desfeitos na manhã:
Nega-me o sol o seu olhar de assombros,
Não me respondes se te chamo, irmã!

Colho apenas do eco os sons dispersos
De riso e pranto, e voz chamando alguém
Com esse amor que transcende os universos

E vejo, ao longe, as frágeis mãos ansiosas
Com que, da vida, assim como ninguém,
Os maus espinhos transformaste em rosas.

(Rimas de "Sou Eu".)

V–- TEU LIVRO

Pois, Florbela, teu livro é de brocados
Tecidos com o mais lírico desvelo:
São tormentos de amor transfigurados
Por um sábio manejo do restelo

Na expressão dos teus versos torturados!
Livro de Mágoas... Quantos, hoje, ao lê-lo
Hão de sentir-se menos desgraçados
Por, sofrendo contigo, merecê-lo.

Restaram-nos, de ti, mais que as saudades:
A glória do teu canto, as ansiedades
Do amor, num livro só de angústias cheio...

Viveste a vida breve em muita mágoa
Mas, no teu verso escrito em canto e frágua,
Foi teu pranto o mais límpido gorjeio.

(Rimas de "Este Livro".)

VI – VISÃO

Pairou Florbela aqui, lendo comigo
Seus próprios versos. Lânguida, divina,
A sua voz, como a de um gênio antigo,
Lia o *Livro de Mágoas* em surdina.

Vestia a renda de ervas da campina
Banhada em pólen de papoula e trigo.
Leve adejar de deusa peregrina
E um ar de medalhão de esmalte antigo.

Vai Florbela. Os seus passos, pelos montes,
Fingem asas tocando eitos escuros,
Voando em busca de azuladas fontes.

Talvez, na tarde morta, entre as alfombras
Encontre agora os signos seguros
De um astro que nasceu de duas sombras.

(Rimas de "Passeio ao Campo".)

VII – DE JOELHOS

Porque sofreste, e amarga e dolorida
Legaste ao mundo um livro deste porte,
Com o qual, no teu caminho para a morte
Espalhaste poesia em toda a vida,

Já não és a alma triste, a alma perdida
Que pela terra andou sem pouso e norte:
Aqui tiveste ao menos esta sorte
De ser, nos teus sonetos, revivida.

Em teus versos, Florbela, um não-sei-quê
De ti se faz presença: é como ser
E não ser – que se sente e não se vê.

Foste a visão que, fúlgida, passou.
A quem se diz por muito o merecer:
"Bendita seja a mãe que te gerou".

(Rimas de "Eu", Fecho do soneto "De Joelhos",)

CANÇÃO DE OUTONO

(Verlaine

Estes lamentos
Longos do vento
    Outonal
Ferem-me a alma
Com uma calma
    Sempre igual.

E sufocando,
Pálido, quando
    Soa a hora,
Sinto saudade
Da mocidade.
    E a alma chora.

Sigo ao relento.
É rude o vento,
    Que me importa?
Neste vaivém
Eu sou também
    Folha morta.

Brasília, 1966

DO SOLDADO

(Rimbaud)

É um tufo de verdura onde canta uma fonte
Que esparge sobre a relva um chuveiro de prata;
Onde o sol, dominando o elevado horizonte,
Brilha: é um valezinho em que o sol se retrata.

Pálido, a boca aberta, inclinado o pescoço
Para trás, estendido e quieto, a fronte nua
Sob a nuvem que passa, um soldado ainda moço
Dorme em seu leito verde onde a luz se insinua.

Dorme na relva, ao sol. Os pés entre os gladíolos.
Natureza, embalai os seus sonhos tranqüilos
Enquanto ele repousa, a mão no peito exangue.

Como criança enferma, a sorrir, adormece.
Já o perfume não sente. O sol não mais o aquece.
Em seu lado direito há dois veios de sangue.

Brasília, 1966

O GARIMPEIRO

Garimpeiro do Reino

Garimpeiro, garimpavas
garimpos de el-rei. Nos paços
as arcas pandas, pandeadas
por teus braços.

Garimpavas, garimpeiro,
– o tronco nu, membros lassos.
Dava a bateia um banzeiro
nos teus braços.

Garimpeiro, garimpaste,
e em teus afundados passos
água e terra reviraste
com teus braços.

Garimpando, garimpeiro,
nos teus sambeiros compassos
marcaste o teu tempo useiro
com teus braços.

Garimpeiro, garimpando
caíste, a extremos cansaços:
foi o ouro escorregando
dos teus braços.

Agora estás garimpando
estrelas; sóis, nos espaços:
– garimpos de Deus, brilhando
nos teus braços.

II

Garimpeiro, garimpaste
subterrâneo arrebol
com a pele crestada ao vento
com a pele lavada à chuva
com a pele queimada ao sol
curtida de tantas dores
do tempo e da servidão
que nem sabias qual dor
fizera mais curtição...
Garimpaste, garimpeiro,
compondo o montão do lastro
da liberdade de um povo
do qual te tornaste escravo
primeiro – por jugo imposto
depois – por justa ambição
de ver este mundo novo
vencer o quinto, a derrama,
vencer a traição, a infâmia,
a forca, a confiscação.
Garimpaste, garimpeiro,
subterrâneo arrebol:

o sangue de Tiradentes
fez germinar as sementes
que ergueram à luz do sol
o grito de Liberdade.
E ela veio, embora tarde
para o teu leite e o teu pão.

Garimpaste, garimpeiro,
e não garimpaste em vão.

III

Garimpeiro da Abolição

Erguia o Senhor das Lavras
capelas de alvenaria,

belas mucamas escravas
de linho e renda vestia,

santos de ouro nos altares,
baixelas de ouro na mesa,

contas de ouro nos colares,
ouro em tudo! só grandeza!

até nos arções das selas
brilhava o ouro em tauxia,

brilhava às luzes das velas,
brilhava ao clarão do dia;

brilhava o Senhor das Lavras
seu brilho de ouro e brilhantes;

o ouro de lei brilhava
na esposa, filhos, amantes...

... e o garimpeiro na mina,
de sol a sol garimpando

(comendo só por tamina
no mal dormir, mal sonhando)

vestido de "arranca-toco"
e só metade vestido...

Ai, meu Deus! como era pouco
para manter-se sustido

no garimpo, garimpando,
que o grande Senhor das Lavras

queria o ouro aumentando
para contar com palavras

de ouro a auricídia memória
do seu domínio e poder.

o garimpeiro da estória
garimpou até morrer.

***

Garimpeiro
até
hoje

Garimpeiros, garimpando,
eram tantos que eram um!
um só gesto, bateando
numa só causa comum:

lavar nas rudes bateias
as manchas da escravidão,
tirar as pesadas peias
de pais e filhos e irmãos.

Veio a Lei Áurea. Passaste
teu nome e teu sangue a limpo.
Garimpeiro, garimpaste:
não foi em vão teu garimpo.

IV

Garimpeiro que garimpas
o ouro fundo no chão:
teu casebre, lá nas grimpas,
é todo em taipa de mão.

Teus pés são curtidos couros
nos leitos duros dos rios...
Só os olhos dos peixes de ouro
enchem teus olhos vazios.

Álveos ásperos, soturnas
cavernas de ricos veios
são tuas cismas noturnas
e os teus diurnos anseios.

Ouro! Ouro! Ai, garimpeiro,
jamais tiveste o bastante:
nas frestas do teu pardieiro
a lua passa minguante...

Ouro! Ouro! O grito rompe
e cai na rosa dos ventos.
– Ai cansaço! ai frio! ai fome!
Mais longe vão teus lamentos.

Ouro! Ouro! Ouro! Ouro!
Garimpeiro que o garimpas:
voltas da cata ao tesouro
com as mãos vazias e limpas.

***

Garimpeiros, garimpando,
são tantos que são só um!
– um gesto só, bateando
seus anseios em comum:
ganhar nos rudes bateios
melhor condição de ser,
casa nova, os pratos cheios,

o filho aprendendo a ler,
ganhar, no seu tempo useiro,
seu tempo de diversão...

Ai! garimpa, garimpeiro
que não garimpas em vão.

V

Garimpeiro, amanhã

Garimpeiro, garimpando,
garimpa fundo no chão!
Teus filhos estão gritando
que não garimpas em vão!

Bateia, pois, bateeiro,
repete o teu rataplã.

Garimparás, garimpeiro,
teu próprio ouro amanhã.

Brasília, 1971

BRASÍLIA

"*... rosa queremos-te*
exata. "

Anderson Braga Horta

Plácido
plano

pleno
espaço.

Ponto
traço
trevp
estrada

eixo

asas

ruas

casas.

Vidro

aço

superquadra.

Mulher
homem
pão
e flor

lar
criança
vida
amor

Planta virgem adnata
cresce
vibra
semprevlva
rosa exata.

Brasília, 4-4-1965

OI, MINAS GERAIS

A Danilo Gomes

Por meus caminhos na vida
(patas, pés, pneus, pedais)
vai subida, vem descida
no refrão:
Minas Gerais.

De braços nus, pés descalços,
por ruas, becos, quintais
corria – e o som dos meus passos
soava:
Minas Gerais.

As patas do meu corcel
por sendas e capinzais
– ora a trote, ora a tropel
trauteavam:
Minas Gerais.

No trem de ferro esfalfando
sobe-desce, vai(s)-não-vai(s),
as rodas roda-rodando
rodavam
Minas Gerais.

E o carro correndo oitenta
por BRs federais
com o som da buzina inventa
o grito:
Minas Gerais.

Voltando agora aos penates
(outro tempo, outros sinais),
é meu coração que bate:
Oi, Minas Gerais!

POEMAS INFANTIS

DESLUMBRAMENTO

Vi o orvalho da manhã
no canteiro de ervilhas
brilhando, ao sol nascente...
pensei que minha mãe
tivesse peneirado nelas
uma estrela cadente.

Brasília, maio de 1978

LIBERDADE

Pusemos na banheira cheia dágua
os peixinhos do aquário.
Eles saíram serpenteando como pipas
soltas ao vento.

5-5-1978

INCÓGNITA

"Uma rosa é uma flor."
Mas isto explica a roseira?

ESPANTO

Criança
que veio de mudança
olhando pela janela
de qualquer apt.
de qualquer bl.
em qualquer S.Q.:
– Olha, mãe!
Papel aqui
nasce no chão!

Maio de 1978

NOSSA HISTÓRIA

DE AMOR

PARA VOCÊ, ANDERSON,
O MEU PRESENTE DE ANO-BOM

Eu procurei no meu relicário de saudades
um presente bonito pra Você...
Hoje é dia de Ano-Bom
e a gente gosta de dar uma lembrança
a quem gosta da gente...

Eu procurei no meu relicário de saudades
mas não encontrei nada...
As recordações saudosas
dos meus tempos saudosos
evolaram-se em surtos de esperança...

No meu relicário de saudades
tinha tanta coisa bonita!
– cartas de amor de quase todos os namorados
dos tempos de garota...
– flores murchas que um dia alguém me dera
(ainda frescas e belas)
pedindo em troca um pouco de amizade...
– retratos dos namorados bonitos
com uma dedicatória apaixonada...
– lacinhos de fita (de chapéus...)

que toda a gente cheia de superstição
diz que faz a gente se casar
(com o dono do chapéu)
se for "tirado" numa sexta-feira...

.....

Tinha tanta coisa bonita o meu relicário de saudades!...
Hoje?!... Nem mais uma prenda
que eu possa dar a Você
pela passagem do Ano-Velho para o Bom...
Mas... no meu cofrezinho de esperanças
encontrei
uma coisa que dizem já fora de moda
e ninguém usa mais dar aos outros, não!

Eu procurei no meu cofrezinho de esperanças
e encontrei, pra lhe dar,
meu coração...

UM PONTO... DE INTERROGAÇÃO

O fim... como será?
Como será o fim do nosso amor
que nem sabemos como começou?

Nunca pensei o que viria a ser
e não penso sequer o que será
desse nosso fatal impressionismo:
– se acabará burguesamente envolto
num véu de rendas e em cortinas brancas,
– ou se irá terminar, tragicamente,
como uma flor que passa
pelas mãos de um poeta indiferente...

Como será o fim do nosso amor
que nem sabemos como começou?

O fim... como será?..

Carangola, 22-3-1933

NÓS

Ao Andy

O nosso amor tem sido, em nossa vida,
como o nascer do sol nos arrebóis!
É sempre nova, embora a mesma, a urdida
teia que eu reconstruo e reconstróis...

Na jornada do tempo a incompreendida
trama de amor nos fez do amor heróis:
temos dentro do peito a alma incendida
e no olhar a áurea luz de eternos sóis...

E assim, como dois vultos legendários,
vamos, pelas olímpicas estradas,
cantando os nossos sonhos sempre vários...

E todo o mundo, assim nos vendo, diz
que eu sou a mais feliz das namoradas
e tu és o namorado mais feliz...

28-9-1933

SAUDADE

Ao Andy

Saudade é um vago anseio, um leve encanto,
é uma dor que se sente e que se cala:
– o coração vazio, a alma em quebranto,
o olhar quase sem luz, lábios sem fala...

Saudade é um sonho doce, um amargo pranto:
misto de amargo e doce em que trescala
a essência de um prazer cândido e santo
e onde a essência da dor também se exala...

Saudade é a dor que não consente perto
de uma pessoa amada, outra que se ama,
que se espera e se quer e que não vem...

É um sol queimando, bárbaro, o deserto!
Pira que se arde inteira e não dá chama!
Saudade é dor que nos faz mal... e bem.

Manhumirim, 17-11-1933

FATALIDADE

Vi-te a primeira vez... Algo divino
que me enredou na trama de seus laços
desde então ordenou-me, por destino,
ter o destino de seguir-te os passos.

Os teus versos ressoam como um hino
a encher-me o coração de seus compassos.
Faço versos também: é o meu destino
ter o destino de seguir-te os passos.

Falaste-me de amor. Com que ternura
soubeste despertar para a ventura
todo o meu ser! E vim para os teus braços.

Chamaste-me e segui. É a minha sorte:
para o amor, para a vida ou para a morte,
tenho o destino de seguir-te os passos.

Belo Horizonte, 18-10-1936

LONGE DE TI

Ao Andy

Viver longe de ti? Como é possível
viver longe do ente estremecido?
Como se há de vencer a dor horrível
de um amor em dois tempos dividido?

Viver longe de ti! Não tem sentido
esta frase pequena e indefinível!
Longe de ti creio não ter vivido
ou, se vivi, sonhava-te visível...

Longe de ti a vida é sempre igual:
não há luz, não há cor, não há carinho
na expressão da existência universal...

Perto de ti, amor, quantas canções
fazem vibrar nos sons do nosso ninho
uma só alma a unir dois corações!

Manhumirim,29-4-1941

IN EXTREMIS

Ao Andy

Quero morrer assim como quem adormece,
sem que um ríctus de dor me transforme a expressão:
sentindo que o calor do teu corpo me aquece
e o meu pulso se agita ao calor de tua mão.

Quero morrer assim como a flor que fenece
aos afagos do sol de um dourado verão.
E enquanto o coração docemente emudece,
sentir, dentro de mim, pulsar teu coração.

Quero morrer assim como quem vai guardar
no outro mundo ignoto e eterno a última cousa
que nos fica na alma: ou memória, ou desejo.

Morrer. E até na morte, e além dela, levar
– como um sol de verão a aquecer minha lousa –
o calor imortal do teu último beijo.

Carangola, 15-9-1941

SONHANDO

Ao Anderson, com os votos de Ano-Bom

Os meus sonhos e os teus sempre foram iguais,
sempre foram assim como irmãos no sentir:
ora tecem do amor os ternos madrigais
ora traçam da vida o dourado porvir.

Têm um elo comum para bem definir
a expressão interior dos seus pomos vitais:
para nós o sonhar é mais que construir
porque atinge o infinito e as belezas ideais.

Nos meus sonhos, nos teus, alcançamos os dons
em que o amor, a justiça, a esperança, a ternura
criam traços de luz, tomam cores e tons...

E ao voltarmos o olhar para a vida em redor
nós sentimos, então, a suprema ventura
de construirmos, em sonho, outro mundo melhor.

Goiânia, 30-12-1944

MEU FILHO

Para o Dersinho, no seu 12° aniversdrio

Nenhum voto maior, nem mais sagrado,
te faço agora, que não tenha feito,
desde o instante primeiro e abençoado
em que te aconcheguei sobre o meu peito.

Tenho pedido a Deus que sem defeito
te faça a alma e a livre do pecado;
que te guie com as luzes do direito;
que sejas bom, leal, feliz e honrado.

Que posso eu, hoje, desejar-te mais
se – no teu coração e em teu talento –
Deus pôs riqueza e glória, amor e brilho?

Ama a Deus, ama a Pátria, ama teus Pais.
– E ouve de tua mãe, neste momento,
mais uma vez: – Deus te abençoe, meu filho!

Goiânia, 17-11-1946

VESPERAL

Engalanei de flores e de rendas
nosso encantado e pequenino lar
e o enfeitei com delicadas prendas
pra te esperar, amor, pra te esperar.

Sei que gostas de ver essas legendas
dos panos de parede, a relembrar
que encontraste o teu reino e tuas sendas
neste encantado e pequenino lar.

Fui comprar um presente na cidade.
Liguei o rádio em música de dança.
Fiz o licor, os doces, o jantar.

E vim para o portão (com que saudade!),
no meu vestido verde de esperança,
pra te esperar, amor, pra te esperar...

Goiânia, 1946

RESPOSTA A UMA CARTA EM VERSO

(De meu filho Anderson)

Querido filho: quando a água é pouca
lá na planície, a gente sobe à fonte,
que não somente nos refresca a boca,
como nos dá vastíssimo horizonte.

Siga esta minha afirmação barroca!
Vale imitar o poeta Anacreonte:
cantar em verso breve e em rima oca
e, ante Allan Poe, erguer, feliz, a fronte.

Volte, meu filho, à fonte de Minerva!
Deixe esse barro que não faz Adões,
que o nosso, aqui, produz doirada "erva"...

Não se deixe vencer com dois esbarros!
Faça versos de amor, doces canções,
e peça em prosa a “gaita” pros cigarros.

Lajinha, 1952

VARIAÇÓES SOBRE A VIDA

No 21º aniversário do meu filho Anderson

A vida é cheia de expressões de amor:
o mar, o céu, a luz, campos floridos,
trazem aos nossos corações calor
e promessas de amores aos sentidos.

Ama-se por amar. Razões de amor?
Uma valsa, um anel, flores, vestidos,
luz de luar em mil festões de cor
iluminando os beijos escondidos...

Ama-se o noivo, o esposo. A própria casa
– quanto maior o amor, tão mais querida,
e em que conchego o nosso amor se abrasa!

Ama-se a tudo que tem graça e brilho,
mas a gente só sabe amar a vida
depois que nasce o seu primeiro filho!

Lajinha, 17-11-1955

CARTA

Lajinha, 26 de fevereiro.

Meu grande amor.
Aqui tudo vai bem.
E como vais, amor? O dia inteiro
pensei em ti. Pensaste em mim, também?

Sempre que vais ao Rio de Janeiro,
nesse incessante e cálido vaivém
esqueces, por completo, o verdadeiro
significado que a saudade tem...

Mas os dias, aqui, são tão compridos!
E as noites? São séculos perdidos
no silêncio, na insônia e no desejo...

Não demores, amor! À despedida,
com meu beijo levaste a minha vida
que só me podes devolver com um beijo...

1956

1993.

REFLEXOS

A meu filho Anderson

Tua musa causou-me tal espanto
– tão inspirada e pródiga de frutos! –
que eu, daqui do meu rústico recanto,
quis também ir lançando os meus produtos.

Já não têm o suave e doce encanto,
o lirismo de outrora; diminutos,
ou são frases serenas, de acalanto,
ou, do amor, os velhíssimos tributos.

Hoje te envio as mais recentes formas:
ganga lavada, sem resquícios de ouro,
que da rima feliz não tenho as normas...

Mas o meu coração reflete o brilho
dos cinco filhos – meu real tesouro –
e do tesouro dos teus versos, filho!

Lajinha, 4-3-1956

PRESENÇA DO PASSADO

Vamos fazer de conta que o passado
voltou. Recomecemos o romance.
Você será de novo o namorado
que eu apenas conheço de relance

mas que insiste, tenaz, em ser notado
e procura encontrar-me ao seu alcance,
que me fala de amor, beijos, noivado,
e faz com que só nos seus braços dance.

Eu fingirei ser fria, indiferente,
que vou levando a vida displicente
de quem não sabe o que fazer da vida...

Mas depois que você me furta um beijo
sou eu quem fica tonta de desejo
e entrego os pontos, afinal vencida...

Lajinha, 3-5-1956

O CRAVO VERMELHO

A meu filho Augusto Pldvio

Traz um cravo vermelho na lapela
e vem sorrindo o seu sorriso franco
na alegria mais límpida e singela
de quem jamais sofreu um solavanco.

Ele tem mãe. O cravo é para ela.
Mas vê, chorando à beira de um barranco,
uma pequena tímida, amarela,
e em seu vestido preto um cravo branco.

Toma-lhe a mão e a leva com cuidado:
– "A minha casa é aquela ali, ao lado..."
Tira-lhe o cravo branco e o joga ao chão.

E leva para a mãe, como presente,
a orfãzinha pálida, inocente,
com a flor vermelha junto ao coração.

Lajinha, 28-5-1956 (Dia das Mães)

ROMANCE

Quis voltar esta noite ao passado. A memória
me guiou através dos caminhos floridos,
me lembrou com ternura a romântica história
e me fez revivê-la em seus próprios vestidos.

Um deles, azul claro, em renda e tule: a glória
de ir ao primeiro baile! Os babados franzidos
de um outro, cor-de-rosa: a presença incorpórea
dos amores que estão para sempre esquecidos.

O lilás lembra um beijo. O vermelho, entretanto,
ainda guarda na blusa os sinais do meu pranto
numa triste manhã de uma triste partida...

Fui vivendo o romance: esta saia... esta blusa...
E me vi, novamente encantada e confusa,
do vestido de noiva – em teus braços – despida...

Lajinha, 16-6-1956

GLORINHA

A minha filha está dormindo. O quarto
reflete os modos de menina-moça:
um vestido, uma anágua, o seu sapato
que andou pisando à beira de uma poça.

Sobre a penteadeira, o seu retrato,
entre os esparsos bibelôs de louça,
sorri. E com que graça e que recato
dorme a sorrir, sem que meus passos ouça.

Já não a faço adormecer cantando
as canções de ninar. Nem mais me atrevo
a lhe contar histórias infantis...

Mas com esse eterno maternal enlevo
beijo-lhe a fronte, leve, murmurando:
Deus te faça feliz! muito feliz!

Lajinha, 1956

CAMA REDONDA

Em que se *conta como foi o*
reveillon da *família, dez dias depois da*
mudança para o Rio (1956-1957).

No novo lar sem mobília
colchão de crina tornou-se
cama redonda, estirado
no chão do quarto vazio.

É cama de pai-e-mãe
e há quatro filhos presentes:
deitados uns e sentados
outros, e rindo e falando,

comendo passas, castanhas,
bebendo whisky e esperando
meia-noite para o estouro
tradicional do champagne,

vida velha comentando
e desejando outra nova:
os novos pisando estrelas,
os velhos com os pés na cova.

Um diz: "Davus sum, non Oedipus!
Faca só *lâmina* e O *cão*
sem plumas deixo." (Está lendo
João Cabral de Melo Neto.)

O pai falou do seu tempo,
do encontro com o nunca visto:
o trem-de-ferro, o cinema,
e mais aquilo, e mais isto...

São cinco filhos mas quatro
somente aqui nos rodeiam
que um ficou na velha casa
mineira e só vem depois

que a mãe chorar de saudade
e o pai passar telegrama
e ele passar telegrama
para o pai mandar dinheiro.

Sua presença é mais ampla
que a nossa, de seis composta,
pois dele falamos muito
mais do que de todos nós.

Ele é quem tem mais história
(sempre foi do apá virado!):
nadou sem saber nadar,
caçou piriás no brejo,

fugiu do colégio e andou
mais de seis léguas a pé,
puxou um boi pelo fim...
e fez de gato, sapato.

Foi um dia assistir missa:
saiu do banco, às gatinhas,
por baixo das saias pretas
das irmãs do Apostolado

e se postou de joelhos
ao lado de frei Miguel.
O padre olhou de soslaio:
– "Menino mal educado!"

Parece um ninho de gralhas
o velho colchão-casal
inaugurando outro tempo
sem nova programação;

apenas, no repetido,
tentando um palco melhor
no afã de manter unidos
a *troupe* e seu repertório:

de um lado, o mais velho, poeta
por parte de pai-e-mãe:
sublimação das essências
antigas, em frasco novo;

o terceiro, na contagem
cronológica, à direita,
é artista e idealista
e não quer ser militar:

não quer morrer nem matar
que o homem deve aprender
que na beleza do mundo
a vida é o que há de mais belo;

a filha, moça e bonita
(eu acho, sou mãe-coruja),
enquanto está sem piano
toca uma remington-rand

que é mesa de cabeceira
(não sei que música toca!)
e o menor, caçula grande,
em altos brados ensaia

cantar um rock-'n-roll
como Elvis Presley ou Sedaka
(chegou não faz quinze dias,
já sabe o Rio de cor);

e cada um tem seu sonho
(que contará se quiser!)
e todos fazem castelos:
Cadillac... e tudo o mais.

É amor que aqui nos reúne
na cama larga (e não mesa
redonda) e alegres falamos
do mar, da praia e das flores,

de água da fonte, montanhas,
do pintassilgo amarelo-
-e-preto (que vem depois
no transporte das alfaias):

instrumento musical
mais musical e mais puro;
falamos bem dos amigos,
que os inimigos... não há;

de amores e desenganos
do tempo que já passou;
do ano que foi igual
a mil e tantos da era

cristã e não sei mais quantos
desde Adão, Eva e a serpente:
com ondas de frio e enchentes;
de ricos com champanhotas;

de classe média sofrendo
a Crise que nunca passa
e entrando em todas as filas;
de pobres com seu Natal

por atacado: biscoitos,
brinquedos e roupa feita
(em cada ano uma vez
e cada vez mais pobreza);

de ninguém falando mal;
e bem... até do governo
deste país de fartura
em que, em se plantando, dá

e até sem plantar se colhe;
... que o ano que já passou
passou e não volta mais;
... que águas passadas não moem

o milho da safra nova
porém a mó do moinho
vai moendo grão por grão
do seu princípio a seu fim;

... de um que volta com o fubá
enquanto outro colhe a espiga
(pra quem plantou, não colheu,
que ingrata que a vida é!).

Marido me diz que as flores
de Iemanjá, hoje lançadas
ao mar, voltarão à praia
na preamar de amanhã

que o mar tem água que volta:
não é como os ribeirões.
– Então bebamos ao mar
que sabe embalar as rosas,

ao sol, à lua, às estrelas
que sabem brilhar no azul
e às criancinhas que vão
acrescentar mais um ponto

no conto dos carneirinhos;
bebamos ao novo lar
sem terreiro e sem jardim,
embaixo e em cima de outros

apartamentos iguais
por fora e por dentro, apenas
diverso no conteúdo
do pensamento que ocupa

seu espaço em cada corpo:
que ninguém sabe o que pensa
sua mulher, seu marido,
seu vizinho e toda gente.

Onze e meia. A campainha
tocou. – "Quem será?" – "Não sei."
Abro a porta e caio, rindo,
nos braços do ex-ausente

segundo filho, que chega
de surpresa. Beijo o pó
que trouxe na face, o pó
que nele faz parte dele.

E agora, completo o rancho,
bebemos na mesma taça,
comemos do mesmo prato
e cabe mais um na cama

e todos cantamos juntos:
"Como pode o peixe vivo
viver fora da água fria?"
E depois só ele fala

e dá notícias do gato,
dos avós, do pintassilgo,
do cachorrinho, dos primos,
dos compadres, dos amigos,

no misturado dos gritos
de perguntas: – "Como vai
Fulano?" – "E Sicrano?" – A Lúcia
já recebeu meu retrato?"

É tarde. Disperso o bando:
– Cada qual pro seu colchão!
(Retangular, como é justo
que seja no seu normal...)

Que o próprio de pai-e-mãe
– voltado ao formato antigo –
vai começar o Ano-Novo
com as sobras do que acabou.

Rio, 1-1-1957

QUE VÔOS...

(Para os netos Marília e Anderson)

Que vôos fazem mãos
de crianças dormindo?
Sonhando o não vivido
ou ventre e seio apenas?

Que estranhos pensamentos
movem seus lábios mudos
ainda, e se esforçando
pelo dom da palavra?

Ah, que mistérios sabem
do ser e do não ser?

NOSSA HISTÓRIA DE AMOR

I

Ao Anderson, comemorando o 1º semestre

Faz apenas seis meses... É uma história...
Uma história de amor que é sempre assim:
um cumprimento, um riso, a imensa glória
de conversarmos sós pelo jardim...

Nosso amor começou como uma história
sem história: – em um baile vieste a mim:
um cumprimento, um riso, a imensa glória
de dançarmos, os dois, horas sem fim...

Deste-me o braço e fomos. Quanto siso!
Há um silêncio em nós dois! A alma é quem fala
dentro de cada cérebro em vulcão...

Depois... um longo olhar... o teu sorriso...
e, no primeiro giro pela sala,
um aperto de encontro ao coração...

Carangola, 6-7-1933

II

Ao Anderson, comemorando o 4° aniversário

"Era uma vez..." (É o prólogo da história
– seja a história de amor, seja de fadas –
que se ouviu em criança e que à memória
sempre nos traz princesas encantadas...)

"Era uma vez..." – começa a nossa história:
um moço poeta e uma mulher... dois nadas!
Mas... que fazem de um beijo a eterna glória
de duas almas, súbito, enlaçadas!

(E a história continua... E o tempo passa...
Do namoro ao noivado... o padre... o juiz...
o sol mais quente e com mais áureos brilhos...)

Quatro anos apenas! E a fumaça
de um tempo tão restrito e tão feliz
deu-nos sonhos, amor, lar... e dois filhos!

Belo Horizonte, 6-1-1937

III

"... e ainda estão passando os carneirinhos..."
É uma história feliz que não tem fim:
é a história que ouvirão nossos filhinhos
do que Você tem sido para mim...

Nossa história de amor... (Serão assim
as histórias de todos os vizinhos?
com o perfume das flores do jasmim
e o murmúrio sutil dos passarinhos?)

... É um conto novo e atual da carochinha:
– nosso filho mais velho sabe ler
e a pequenita é um mimo de beleza!

"... e os carneirinhos vão passando..." Eu vinha
atrás dos quatro e ouvi alguém dizer:
"Três mosqueteiros e a gentil princesa..."

Carangola, 9-11-1941

IV

A história continua. O tempo passa.
Vai a vida seguindo o seu caminho.
Olho através do vidro da vidraça
... não vejo mais passar um carneirinho...

O fim é simples e feliz. Sem jaça
crescem os cinco. O lar é um doce ninho
onde reina a poesia, o amor, a graça,
cercados de ventura e de carinho.

Foram-se as bruxas, os dragões, as fadas.
Para os moços há quatro namoradas
e, com certeza, a moça já namora,

– do seu próprio destino hoje senhores.
São personagens e também autores
das histórias que estão vivendo agora.

Lajinha,9-2-1956

V

O tempo passa. E passam sol e lua
tantas vezes no céu., que perco a conta
do tempo que, passando, se insinua
na vida que a velhice hoje defronta.

O tempo passa, a história continua.
É uma história de amor que se reconta.
Uma história de amor que perpetua
a vida: ora uma acaba, outra desponta.

Venho outra vez com bruxas e dragões
e princesas e príncipes e anões
para o mundo irreal dos dois netinhos.

Vejo em seus olhos sempre o mesmo brilho
que pairava no olhar de cada filho.
... e ainda vão passando os carneirinhos...

Brasília, 28-2-1968

APÊNDICE

– ENTREVISTA A DANILO GOMES –

Anderson de Araújo Horta e Maria Braga Horta: Unidos também pela Poesia

O amor os uniu em casamento. A poesia consolidou-Ihes a união, de que nasceu um filho também poeta. Estou falando do casal de poetas Anderson de Araújo Horta e Maria Braga Horta, pais do poeta Anderson Braga Horta. O casal vive em Brasília há muitos anos, em permanente *estado de poesia* e cercado do carinho dos filhos e dos netos. E das muitas amizades que sua simpatia conquistou.

Anderson de Araújo Horta

Anderson de Araújo Horta nasceu em Tombos, Minas Gerais (Zona da Mata), em 1906. Formou-se em Direito pela Universidade do Brasil, Rio de Janeiro. Sempre advogou. Lecionou inglês, geografia e história. Em 1934 casou-se com a poeta e professora Maria Braga Horta. Em 1947 editou o *Anuário do Rio Doce.* Tem um romance inédito e grande número de poesias, algumas das quais publicadas em jornais e revistas. Em Carangola, MG, compôs seus primeiros versos e editou o jornal literário *Átomo.* Um dos fundadores do Centro Carangolense de Letras. O escritor Vivaldi Moreira, atual Presidente da Academia Mineira de Letras, publicou um estudo sobre sua poesia, na revista *Pan,* de São Paulo. Seu poema "Rio Subterrâneo" foi publicado na coluna literária que o poeta Édison Moreira mantinha no *Estado de Minas.*

Em 1962, obteve, em parceria com seu filho Anderson Braga Horta, a “Medaglia dell'Amicizia Italo-Brasiliana”, no concurso internacional de poesia "Grande Coppa Città di Brasília", instituído em Roma (o poema se intitulava "Mamãe Coragem").

–

Anderson de Araújo Horta recebeu, em 1969, menção honrosa no 2º Torneio Nacional da Poesia Falada, de Niterói, com o poema "Rio Subterrâneo". Em 1971 participou da *Antologia dos Poetas de Brasília,* de Joanyr de Oliveira. Figura com o soneto "Acróstico", dedicado a Goiânia (de que foi o primeiro Promotor Público), nas *Memórias* de Pedro Ludovico (algum revisor, certamente novo, substituiu-lhe o nome, ali, pelo de seu filho Anderson) .

Figura no 2° volume de *Poetas do Brasil,* de Aparício Fernandes, com a coletânea "Poemas Subterrâneos".

DG- Onde publicou seus poemas?

AAH- Tenho muito pouca coisa publicada. Lembro-me, apenas, do seguinte: Revista do Ginásio Municipal Carangolense, Jornal do Instituto Propedêutico Carangolense, *Correio Carangolense,* Revista *Fon-Fon, Correio da Manhã,* O *Jornal, Estado de Minas* (coluna do poeta, jornalista, editor e acadêmico Édison Moreira), Revista *Pan,* Jornal Literário *Átomo, Jornal de Brasília, Jornal de Domingo, Antologia dos Poetas de Brasília,* Antologia *Poetas do Brasil* e, finalmente, *Memórias,* de autoria: do fundador de Goiânia, Dr. Pedro Ludovico Teixeira.

DG- Tem escrito novos poemas? Quais os temas, de modo geral?

AAH- Sim, tenho escrito novos poemas, cujas interrupções, aliás, lembram, ou até demonstram a minha pouca ou nenhuma vocação para o artesanato. Isso talvez responda ao resto da pergunta; pois se o engajamento a temas tem, porventura, conotações de regularidade e segurança, a minha poesia é inteiramente desprotegida.

DG- Como era o jornal literdrio Átomo *e qual a função do Centro Carangolense de Letras?*

AAH- O jornal literário *Átomo* simplesmente se propunha a despertar a vocação artística e literária de Carangola para uma espécie de movimento renovador. Muitas causas já se haviam identificado no síndroma cultural dessa grande cidade. A marcante, sem desdouro de outras, é relembrada por Vivaldi Moreira, em seu utilíssimo *Minas em Foco,* n° 62, de julho de 1958: – o advento, jamais esquecido e jamais superado, de Jonas Faria de Castro. Inesquecíveis, também, a chegada e o trabalho do emérito professor Luiz Augusto Pereira Victória. Outra não poderia ser, portanto, a função do Centro Carangolense de Letras.

DG- Pretende publicar seus livros de poemas? Já têm títulos?

MH- Se dissesse que não, mentiria; se dissesse que sim... Ora, nem ao menos penso em título!

DG- Como se sentiu recebendo a "Medaglia dell'Amicizia ltalo-Brasiliana": em parceria com Anderson Braga Horta, o filho poeta que todos admiramos?

AAH- O fato de estar ao lado do meu filho já é, por todos os títulos, uma láurea. "Mamãe Coragem", o meu poema premiado no referido concurso, foi depois musicado pelo caçula, Goiano Braga Horta.

DG- Para o senhor, o que é poesia? Quais seus poetas "de cabeceira"?

AAH- Entendo que a poesia (toda poesia) é um convite. Sim, um convite para a festa das idéias. Pode ser, alegoricamente, um banquete, simples almoço, ou um psicodélico "pagode" mineiro; mas sempre uma

festa de idéias. E o poeta, já se vê, é um festeiro, um catalisador em perspectiva. Passa a vida soltando os seus ricos balões coloridos, sem destino, sem preferência, sem discriminação. Nem sabe, nem teme, nem espera coisa alguma, exceto que está exercendo o ofício mais democrático do mundo. Por isso é que ele, o poeta, pertence à estirpe dos "homens de boa vontade"! Eu não tenho "poetas de cabeceira", ou melhor, meu poeta de cabeceira é minha mulher, uai!

DG- O que disse o crítico e ensaísta Vivaldi Moreira, na revista Pan, *sobre sua poesia?*

AAH- Vivaldi Moreira é muito mais do que um polígrafo. Tenho em mãos o seu discurso de recepção na sessão solene de dois de março de 1972, em que se empossava na Cadeira 21, da Academia Mineira de Letras, o acadêmico Hilton Rocha. Lá está ele, colocando na fronte do seu ilustre colega os louros da lição de Kierkegaard. Vivaldi Moreira sempre foi, assim, o seu próprio caminho. Por isso, a felicidade que ele me proporcionou, na revista *Pan,* me acompanha até hoje. O ilustre crítico se referiu a Stern. E quem sabe tivera, o meu lúdico soneto "O Ratinho", concorrido para alguma reedição do seu simpático e "voltaireano" sorriso...

(Teria tido razão o ilustre jornalista Luís Carlos de Portilho, no *Correio Católico,* de Uberaba, de 22 de outubro de 1969, quando se referiu a mim como "esse manso e inspirado poeta"?) .

DG- De que trata o romance inédito, que o senhor escreveu? Vai publicá-lo?

AAH- Esse romance concorreu a certo concurso de O *Cruzeiro.* Sem êxito. É um caso de amor, com experiências no quadro do desequilíbrio emotivo. Não penso em publicá-lo.

DG- O que significou, para o senhor, ter-se casado com uma poeta?

AAH- Para início de conversa, não me casei com uma poeta. Casei-me, sim, com uma mulher da cabeça aos pés. O fato de ela ser poeta, e grande poeta, apenas o confirma. Por isso, o nosso casamento é "comme il faut".

DG- Pretende também publicar suas memórias? Já têm título? Poderia dizer alguma coisa a respeito?

AAH- Essa idéia seria apenas válida, na medida em que válidas fossem minhas reações ao meio. Estou me referindo, naturalmente, à vida. Não estou certo tenha ela concorrido para estimular ou mesmo justificar o gênero. Entretanto, não endosso e nem sequer invejo as lamentações de Temístocles aos seus amigos, no sentido de que a glória de Milcíades não o deixava dormir. Ora, ora, *esse Temístocles* era um tolo... pois não há nada como a honra dos pais, o amor da mulher querida e a felicidade dos filhos e netos.

(Se ao menos ele tivesse flores...)
Monsenhor, monsenhor,
tu és a flor mais bela
do meu jardim!

Maria Braga Horta

Mineira nascida no arraial de Bom Jesus da Cachoeira Alegre, na Fazenda da Boa Esperança, Maria da Conceição Guimarães Braga (seu nome de solteira) madrugou para a criação poética – aos 12 anos de idade já fazia versos. Em Manhuaçu, estudante ainda, integrou um grêmio literário, compondo sonetos de louvação. Com 15 anos já fazia seus sonetos, gênero em que é exímia, hoje em dia. Já em 1931 revistas e jornais do Espírito Santo publicavam, com elogios, seus trabalhos. Consta que seu soneto "Espera", de 1932, foi publicado na Europa através do Círculo de Amigos de Marden. Em 1934 casou-se com o advogado e poeta Anderson de Araújo Horta, de quem teve 5 filhos (a filha Glorinha também tem grande sensibilidade poética e Anderson Braga Horta é um dos melhores poetas brasileiros).

Professora de francês no Rio, ganhou, em 1959, menção com o conto "Gavião de Penacho", com o qual concorreu ao Prêmio Gavião, da Livraria Antunes (este conto valeu-lhe o 1° lugar num concurso realizado em Bauru, SP). Recebeu menção honrosa no concurso de crônicas sobre "O Livro", instituído pela coluna “Porta de Livraria”, de *O Globo* (assinava a coluna Antônio Olinto), e pela Biblioteca Municipal.

Maria Braga Horta seria outras vezes premiada. Obteve o 2° lugar no Concurso de Poesia da Academia Teresopolitana de Letras (1966), foi finalista no 2° Torneio Nacional da Poesia Falada (Niterói, 1969), alcançou o 1º lugar no 1º concurso de poesia da Fundação de Assistência aos Garimpeiros (Brasília, 1971) e menção honrosa no concurso de poesia do Conselho Municipal de Cultura de Mangaratiba (Estado do Rio, 1971, com o poema "Antiflor") .

Em 1967, Carlos Drummond de Andrade publicou, no seu livro *Uma Pedra no Meio do Caminh,.o* soneto que Maria Braga Horta lhe dedicou (e que ele, certamente, apreciou).

Maria Braga Horta participou da *Antologia dos Poetas de Brasília,* de Joanyr de Oliveira, e figura no 2° volume de *Poetas do Brasil,* de Aparício Fernandes. É tradutora de Rimbaud e outros poetas franceses.

DG- A senhora fazia sonetos aos 15 *anos de idade. Continua fazendo-os? Como a poeta de hoje, várias vezes premiada, vê a poeta adolescente, iniciante?*

MBH- Continuo. Parece-me que trago nos genes a métrica circunscrita, não há por onde escapulir. Comecei a fazer versos aos doze anos; aos treze já tentava o soneto. Fui uma iniciante primária e deslumbrada de versos vazios e altissonantes (que me fizeram muito apreciada em acrósticos e louvações), mas que não pode mais se ver no espelho dos primeiros versos: nada me resta do que escrevi até 1930.

DG- Que poetas mais lia, quando começou a escrever? Como eram vistas as mulheres poetas, naquela época?

MBH- A vida, no interior, não era pródiga em livros de poesia. Li, durante anos, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Olavo Bilac, Fagundes Varela, Raimundo Correia, Guerra Junqueiro, Camões. Isto, porque tinha um tio poeta e o pai professor. Depois vieram Olegário Mariano, Guilherme de Almeida, Hermes Fontes, Menotti del Picchia, Augusto dos Anjos, Tobias Barreto, Raul de Leoni, e grande maioria dos publicados, até então, no país. Só fiquei sabendo de outras algum tempo depois, e foram poucas: Júlia Lopes de Almeida, Gilka Machado, Henriqueta Lisboa, Auta de Sousa, Cecília Meireles. Ainda "não eram vistas" lá pelo interior. Posso julgar por mim, que fui tida como *avis rara* e muita gente duvidou que era eu "quem fazia aqueles versos". Fui posta à prova várias vezes, até mesmo na rua.

DG- Como seu livro Caminho de Estrelas *topou. com "uma pedra no meio do caminho',?*

MBH- A "pedra no meio" do meu *Caminho de Estrelas* sou eu. Topou comigo inibida, autocrítica, com medo de me expor. E sou uma pedra que cresce...

DG- Por que não simpatizou com a palavra poetisa?

MBH- Já me habituei à palavra. É disto que me chamam, há mais de meio século, e não dói. Minha preferência por *poeta* nem chega a ser psicológica, é mais pela figuração mais incisiva da palavra.

DG- Que repercussão teve em sua vida literária o casamento com um poeta?

MBH- Como disse Almeida Fischer, numa dedicatória que nos fez, somos "casados em poesia". Em 1960 escrevi uma crônica – "Vivendo em Poesia" – que atesta o bem-querer dessa convivência. Mas não nos casamos só pela poesia, o que foi bom para ambos, pois não tirou a nenhum dos dois sua individualidade. Nunca houve, entre nós, interferência, impactos ou reflexos. Se houve repercussão, na minha vida literária, o casamento com um poeta, deve ter sido de natureza subliminar, não cheguei a senti-la ao vivo, continuo eu.

DG- Como e por que a senhora defendeu o feminismo – ou movimento feminista – no Centro Carangolense de Letras, em 1941?

MBH- Sou feminista de nascimento. Como fiz aquela defesa, seria tão longa a resposta que o senhor, naturalmente, não teria espaço para publicá-la: foi uma reivindicação dos direitos da mulher contra o machismo social que, num círculo vicioso já calejado, só os admitia nas mulheres dos outros... O porquê teve origem numa discussão, na qual me propuseram um. debate no Centro Carangolense de Letras, em outu-

bro de 1941. Fiz um longo arrazoado, no molde das aspirações da época: um lugar ao sol. E tivemos de esperar até 1977 para termos a primeira mulher na Academia!

DG- Continua escrevendo crônicas e contos? Geralmente sobre o que gosta de escrever, na área da prosa?

MBH- Tenho mais facilidade para a poesia, quase não faço outro gênero. Na área da prosa gostaria de escrever o que nunca consegui: romances. Sou inconseqüente e dispersiva e acabei desistindo de tentar.

DG- O *que significam para a senhora os prêmios que recebeu em concursos literários?*

MBH- "Um prêmio é um prêmio". São palavras de Alan Viggiano na apresentação do livro *lncomunicação,* de Anderson Braga Horta. Como o Anderson, a única coisa que fiz para consegui-los foi concorrer a eles. Significam, para mim, obtenção de coisas desejadas e não esperadas, como uma sorte na loteria. E, como tiveram premiadores, sinto-me feliz e grata por ter sido escolhida.

DG- Sem querer rotular: a que linha se filiam seus poemas atuais, como os publicados na Antologia dos Poetas de Brasília, *de Joanyr de Oliveira?*

MBH- Bem que eu gostaria de rotular, de ser coerente, de definir a que linhas se filiam mas, simplesmente, nunca os analisei sob este aspecto, jamais me preocupei com um roteiro. Nem mesmo relendo aqueles três sonetos meio antiquados, meio modernos, publicados na *Antologia dos Poetas de Brasília,* de Joanyr de Oliveira, consegui classificá-los; não sei quantas e quais linhas sigo: solto meus versos *à vol d'oiseau* e me esqueço deles.

DG- Quais os poetas de sua preftrêncía, hoje?

MBH- Não creio que deva omitir, nas minhas preferências, os dois de casa: Anderson de Araújo Horta e Anderson Braga Horta. Quanto aos outros, são tantos que nem sei se poderei citar todos. Mas aí vão alguns, entre vivos e mortos, que estes, quando os leio, nem me lembro que já morreram. Aí estão: Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Cecí1ia Meireles, Murilo Mendes, Alphonsus de Guimaraens, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Henriqueta Lisboa, Stella Leonardos, Fernando Mendes Vianna, Ledo Ivo, Paulo Mendes Campos, Vinicius de Moraes, Homero Homem, Fernando Pessoa, Garcia Lorca, Fernando Ferreira de Loanda, Joanyr de Oliveira, Santiago Naud, Afonso Félix de Sousa, Domingos Carvalho da Silva, Geir Campos.

DG- Por que deu o título de "Antiflor" à coletânea de sonetos publicada na obra Poetas do Brasil, *de Aparícío Fernandes?*

MBH- Há coisas que a gente faz sem saber, depois, por que as fez. "Antiflor", que titula o primeiro soneto, foi o que me ocorreu no momento. Este título, entretanto, está destinado a uma parte de um livro na qual não entrarão alguns dos sonetos publicados em *Poetas do Brasil,* de Aparício Fernandes, por incompatíveis com seu significado.

DG- Algum livro em preparo?

MBH- Talvez a montanha se decida, em 1978...

DG- Para a senhora, o que significa Minas Gerais?

MBH- Acima de tudo, um cômodo na casa.

(Em *Escritores Brasileiros ao Vivo,* vol. 2 –
Belo Horizonte, 1980.)

Acabou-se de imprimir
aos 14 *de novembro de* 1996 *nas oficinas da*
Gráfica Prol
Edição de 1.500 exemplares a cargo de
Massao Ohno Editor
São Paulo, Brasil

Impresso na **Prol editora gráfica ltda.**
03043 Rua Martim Burchard, 246
Brás – São Paulo– SP
Fone: (011) 270-4388 (PABX)
com filmes fornecidos pelo Editor.

(...) A vida, no interior, não era pródiga em livros de poesia. Li, durante anos, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Olavo Bilac, Fagundes Varela, Raimundo Correia, Guerra Junqueiro, Camões. Isto, porque tinha um tio poeta e o pai professor. Depois vieram Olegário Mariano, Guilherme de Almeida, Hermes Fontes, Menotti del Picchia, Augusto dos Anjos, Tobias Barreto, Raul de Leoni, e grande maioria dos publicados, até então, no país. Só fiquei sabendo de outras algum tempo depois, e foram poucas: Júlia Lopes de Almeida, Gilka Machado, Henriqueta Lisboa, Auta de Sousa, Cecília Meireles. Ainda "não eram vistas" lá pelo interior. Posso julgar por mim, que fui tida como *avis rara* e muita gente duvidou que era eu "quem fazia aqueles versos". Fui posta à prova várias vezes, até mesmo na rua. (...)

(Da entrevista a Danilo Gomes)

Massao Ohno Editor

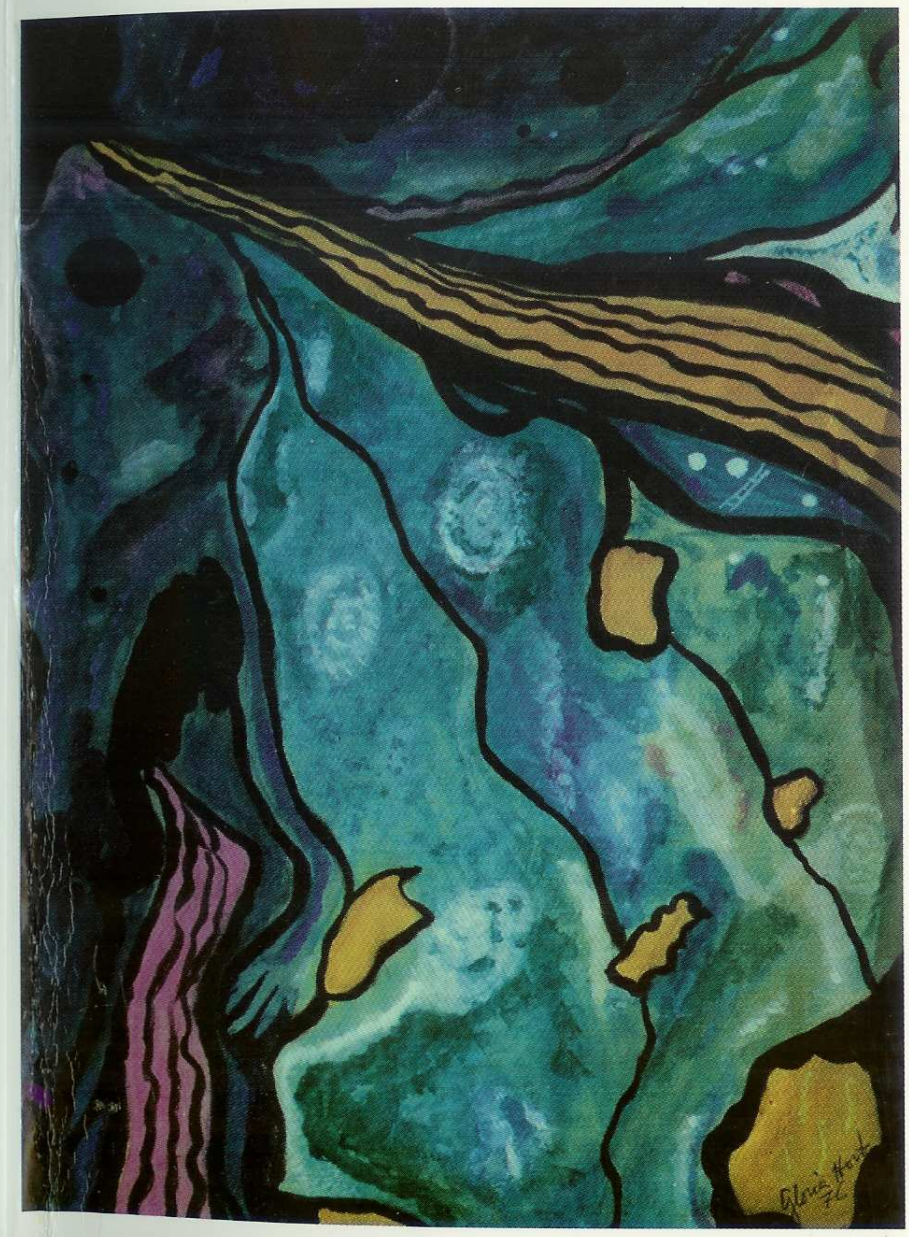
(...) A vida, no interior, não era pródiga em livros de poesia. Li, durante anos, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Olavo Bilac, Fagundes Varela, Raimundo Correia, Guerra Junqueiro, Camões. Isto, porque tinha um tio poeta e o pai professor. Depois vieram Olegário Mariano, Guilherme de Almeida, Hermes Fontes, Menotti del Picchia, Augusto dos Anjos, Tobias Barreto, Raul de Leoni, e grande maioria dos publicados, até então, no país. Só fiquei sabendo de outras algum tempo depois, e foram poucas: Júlia Lopes de Almeida, Gilka Machado, Henriqueta Lisboa, Auta de Sousa, Cecília Meireles. Ainda "não eram vistas" lá pelo interior. Posso julgar por mim, que fui tida como *avis rara* e muita gente duvidou que era eu "quem fazia aqueles versos". Fui posta à prova várias vezes, até mesmo na rua. (...)

(Da entrevista a Danilo Gomes)

Massao Ohno Editor

Maria Braga Horta

Caminho de Estrelas



Maria Braga Horta · CAMINHO DE ESTRELAS